

Foia da Sabedoria

Vida de Ajahn Tongrat Kantasīlo



Edição Tailandesa, setembro 2009

มณีรัตน์ — อัญมณีแห่งไพโรสณห์

Wat Pah Munirat

Moo 4, Bahn Khum, Tambon Khok Sawang, Ampher Samrong

Ubon Ratchathani – 34360

Thailand

Esta edição, agosto 2019

Joia da Sabedoria, vida de Ajahn Tongrat Kantasīlo

Tradução, arte – Mudito Bhikkhu

Revisão – Antônio Dutra

Foto de capa – Benjamin Balázs

Copyright Sociedade Budista do Brasil, CNPJ 34021832000106

(<https://www.sociedadebudistadoBrasil.org/>)

Esta tradução é feita disponível como uma oferta de Dhamma. Sua publicação tornou-se possível devido à fé, empenho e generosidade de indivíduos que desejam partilhar a sabedoria deste conteúdo com todos aqueles que estiverem interessados. Este ato de oferecer gratuitamente é em parte o que torna esta uma “publicação de Dhamma”, um livro baseado em valores espirituais. É proibido vender este livro, sob qualquer formato, ou usá-lo para fins comerciais.

Este trabalho encontra-se licenciado sob a 'Licença de Creative Commons - Não Comercial - Sem Derivados 2.0 UK: Inglaterra e País de Gales' <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.0/uk/>

Sumário:

Tem o direito de reproduzir, apresentar ou representar este trabalho segundo as seguintes condições:

- Atribuição: tem de apresentar o crédito ao autor original.
- Não Comercial: não pode usar este trabalho para fins comerciais.
- Não fazer trabalhos derivados: não pode alterar, transformar ou adicionar nada a este trabalho.

Com o entendimento de que:

- Renúncia: qualquer das condições acima pode ser renunciada se obter permissão do detentor do copyright.
- Domínio Público: quando este trabalho, ou qualquer dos seus elementos, se encontrarem no domínio público, nos termos da lei aplicável, esse estatuto não é de nenhuma forma afetado pela licença.
- Outros Direitos: de forma alguma são os direitos seguintes afetados pela licença:
 - Os seus direitos de “uso legítimo (fair dealing) concedidos por lei, ou outras exceções e limitações aplicáveis ao direito de autor e aos direitos conexos;
 - Os direitos morais do autor;
 - Direitos de que outras pessoas possam ser titulares, quer sobre o trabalho em si quer sobre a forma como este é usado, tais como os direitos de publicidade ou o direito à privacidade.
 - Aviso: em todas as reutilizações ou distribuições, tem de deixar claro quais são os termos da licença deste trabalho.

A Sociedade Budista do Brasil reclama o direito moral de ser identificada como autora deste livro.

A Sociedade Budista do Brasil requer que seja atribuída a autoria deste trabalho a Sociedade Budista do Brasil sempre que este for reproduzido, distribuído, apresentado ou representado.

Sumário

Nota da tradução	5
Introdução	6
Origem	10
Renúncia	14
Aquele que mostra o caminho da luz	16
Obstáculos na prática do Dhamma	19
Três anos na caverna Bang Bôt	21
Volta ao lar pela primeira vez	24
Bahn Chi Tuan	41
Morte de Ajahn Sao	60
Wat Pah Munirat	64
Fim	74

Nota da tradução

O presente livro é uma versão resumida e reorganizada da biografia de Ajahn Tongrat intitulada มณีรัตน์ – อัญมณีแห่งไพรสณฑ์.

A necessidade de resumir se deu ao fato de que o livro original dá muita ênfase em ser um registro histórico, nomeando em detalhes locais e pessoas. Por exemplo, frequentemente fala um pouco sobre a história de como um mosteiro ou vilarejo veio a ser estabelecido, ou conta mais sobre a vida pessoal daqueles que presenciaram as histórias contidas no livro, etc. Isso não atrapalha tanto a versão tailandesa do livro, mas quando traduzido, gera um texto convoluto e confuso para um público ocidental, porque seria necessário frequentemente parar o relato e adentrar por uma longa explicação sobre os costumes e folclore tailandês, para só então fazer sentido a história de como surgiu o mencionado vilarejo— sendo que não é algo diretamente relacionado à história de Ajahn Tongrat.

Também escolhi omitir muitos nomes de pessoas, algumas vezes optando por escrever “um discípulo conta que...” em vez de dar o nome completo, local de nascimento etc., de cada um.

Com relação à reorganização do texto, no original as histórias não estão em uma ordem cronológica clara, o que não atrapalha muito o texto em tailandês uma vez que os leitores já estão familiarizados com o ambiente e conceitos sendo descritos. Já para um público estrangeiro, que já vai ter dificuldade em imaginar de maneira correta o que está sendo descrito nas diferentes passagens, achei que, se o texto não tivesse uma ordem cronológica, dificultaria ainda mais a compreensão e prejudicaria a experiência de leitura.



Introdução

A tradição da floresta tailandesa, da forma que a conhecemos hoje, surgiu no começo do século XX, fundamentada principalmente sobre o modo de prática e ensinamentos de Ajahn Man e Ajahn Sao, e popularizada na Tailândia e todo o mundo por seus discípulos – em especial, Ajahn Chah e Ajahn Mahā Bua.

Uma das características mais marcantes do treinamento dado por esses mestres era a chamada etiqueta monástica, ou “korwat”, em tailandês. A maior parte dessa etiqueta vem da própria regra monástica estabelecida pelo Buddha, o Vinaya, mas ela muitas vezes extrapolava a regra tradicional exigindo um nível de sofisticação e atenção ainda mais elevado dos discípulos.

Isso nada mais era do que um treinamento para o aluno. Para conseguir observar essa etiqueta de maneira correta, e não levar uma bronca do mestre, o aluno devia estar sempre com a mente serena e atenta. Seus movimentos deveriam ser suaves e silenciosos, sua compostura elegante e discreta. Olhando o comportamento dos discípulos, os mestres eram capazes de saber que nível de refinamento mental aquele aluno já havia alcançado.

Apesar de darem muita importância a esse treinamento, esses grandes mestres estavam plenamente cientes de que era só isso: um treinamento. Essa etiqueta não era sinônimo de Dhamma ou Nibbāna – que afinal, era o real propósito que eles tinham em ensinar seus discípulos. Portanto, quando um discípulo não se mostrava capaz de seguir à risca essas regras de comportamento, mas ainda assim conseguia progredir bem com sua prática do Dhamma, era comum os mestres se mostrarem lenientes com tais alunos, e dispostos a tolerar comportamentos neles que não estariam dispostos a tolerar nos demais.

Dentre os discípulos de Ajahn Man que demonstravam tais características, há três famosos: Ajahn Tū (ตื้อ อจลธมฺโม), Ajahn Jia (เจียะ จุนฺโท) e Ajahn Tongrat (ทองรัตน์ กัณฺฐสีโล) – tema deste livro.

Esses três monges eram por vezes chamados de “diamante envolto em um pano de chão” por Ajahn Man, significando que apesar de sua aparência

externa ser desagradável ao olhar, e seu comportamento nada elegante, eles possuíam a mente pura e cristalina de verdadeiros sāvākās que alcançaram a mais elevada realização do Dhamma.

A verdade é que mesmo nas escrituras e comentários antigos exemplos como estes são encontrados – o que mostra que não é um fenômeno novo ou incomum. Nas demais tradições do budismo Mahayana e Vajrayana também é possível encontrar ambos os tipos de grandes praticantes: aqueles que têm comportamento impecável; e aqueles que apesar de possuírem os mais altos níveis de realização espiritual, muitas vezes têm uma forma de se comportar que desafia os padrões estabelecidos.

Ajahn Tongrat é um exemplo desta última categoria de grandes mestres. Eles não eram maioria dentre os discípulos de Ajahn Man, muito pelo contrário, se havia alguma característica que mais definisse o grupo de monges kammatthāna, discípulos de Ajahn Man, seria um comportamento impecável e digno de elogios. Muitos são os que relatam que a primeira coisa que lhes chamou a atenção ao entrar em contato com tais monges foi o comportamento sereno, composto, atento e harmonioso de cada um. Mas haviam exceções.

Ajahn Tongrat era uma tal exceção e é importante que os leitores tenham isto em mente quando lendo este livro. Como Ajahn Chah explica a certa altura do texto, ele não era um exemplo a ser imitado. Aqueles que tentarem imitá-lo apenas vão prejudicar a si mesmos e às pessoas ao redor. Mas, ainda assim, Ajahn Tongrat é uma fonte valiosíssima de sabedoria caso sejamos capazes de enxergar o Dhamma por trás de suas ações e principalmente um ótimo lembrete para que não “julguemos um livro pela capa”.

Também é bastante inspirador ver a profundidade de Ajahn Man e Ajahn Sao, que apesar de tão rigorosos com o modo de prática, tinham a sabedoria necessária para fazer exceções quando encontravam um praticante cujo talento não se encaixava no molde comum das demais pessoas, dando a oportunidade para todos praticarem e alcançarem o máximo da realização humana. Tudo reforça ainda mais a certeza de que estes eram verdadeiros

mestres, dignos de reverência, dignos de oferendas, um verdadeiro campo de mérito para aqueles que buscam o cultivo do que há de mais excelente em todo o universo – Nibbāna.





Origem

Ajahn Tongrat Kantasīlo nasceu Tongrat Nakajat em uma grande família à beira do rio Sri Somkram no ano de 1888, no vilarejo de Sam Pong, província de Nakhon Phanom. Mais tarde, seu pai levou a família para estabelecer um novo vilarejo na floresta de Pano, com um número de aldeões. Nomearam o vilarejo de “Sri Wen Chai” e este ficava a cerca de três quilômetros de seu vilarejo natal.

Pano era um local de difícil acesso, uma floresta muito densa habitada por muitas espécies de animais. Por essa razão, era também um local de prática preferido por muitos grandes mestres de meditação. No local era possível encontrar antigos objetos, como utensílios e imagens de Buddha de diversos tipos, que faziam acreditar que no passado distante aquela área tinha sido ocupada por um mosteiro.

Seu pai, Luang Kam Jat, era o funcionário do governo que administrava aquela região. Sua mãe chamava-se Kéu Bupa. Naquela época ainda não era muito comum o uso de sobrenomes e não havia um padrão estabelecido. Ficava a critério de cada um escolher o nome que mais lhe agradasse, e assim, escolheram o sobrenome “Nakajat”: “naka” vem de Nakhon Phanom e “jat” era o nome de seu pai.

Luang Kam Jat possuía nove filhos:

1. Sr. Ta Nakajat (foi o primeiro a receber o cargo de administrador do vilarejo de Sri Wen Chai)
2. Sr. Sitat Nakajat
3. Sr. Ten Nakajat
4. Ajahn Tongrat Kantasīlo
5. Sra. Upakéu Nakajat
6. Sra. Nu Tien Nakajat
7. Sra. Kien Nakajat
8. Sra. Meng Nakajat
9. Sra. Wa Nakajat

Quando jovem, Tongrat era muito alto, forte, corajoso e resoluto. Tinha um semblante que inspirava respeito, mas também gostava de fazer piadas e brincadeiras. Ele era responsável por recolher o aluguel dos locatários para seu pai e era uma fonte de ajuda importante para a família.

Muitas vezes as pessoas ao redor ficavam chocadas com seu comportamento resoluto. Por exemplo, em certa ocasião havia um cachorro que roubava o arroz que era posto de molho pela manhã. Quando a mãe ou a irmã iam cozinhá-lo, encontravam apenas a vasilha vazia e gritavam: “O cachorro roubou e comeu o arroz de novo!” O jovem Tongrat ouviu aquela reclamação tantas vezes que, por fim, sendo uma pessoa de comportamento muito resoluto, conseguiu capturar o cachorro e lhe fez um corte na boca, dizendo: “Pronto! Agora não vai comer tanto.”

Em outra ocasião, durante a época da colheita, um búfalo¹ fêmea já havia dado à luz há dois ou três meses e continuava dando leite. Por sua vez, o filhote continuava seguindo a mãe, mamando sempre que possível. Certo dia, o jovem Tongrat deixou o filhote mamar por bastante tempo, eventualmente, era necessário levar a mãe ao curral para colocar o arado – entretanto, o filhote continuava seguindo atrás para mamar. Não importava quantas vezes tentasse afugentá-lo, ele ia embora só por alguns instantes, mas, em seguida, retornava. Não havia como arar o campo daquele jeito. Tongrat então tirou o arado do pescoço do búfalo e bateu com toda força na cabeça do filhote, antes que as pessoas ao redor tivessem tempo de impedir. O filhote caiu desmaiado com o golpe, permanecendo imóvel no chão. O irmão mais velho, Ta, perguntou: “Por que bateu nele?”, e o jovem Tongrat respondeu com uma expressão impassível: “Para ele não ficar comendo tanto.”

Discípulo de Ajahn Tongrat, Ajahn Ki conta que este lhe disse que, quando jovem, possuía muitas habilidades. Tinha facilidade em treinar as vacas a puxar carroças, a ponto de que, quando ele aparecia na estrada, elas iam

¹ Ainda hoje é comum o uso de búfalos d'água para arar os campos de arroz na Tailândia

sozinhas ao curral para receber os arreios, sem precisar mandar ou bater. Quando tinha que atravessar um riacho, ele mandava pularem na água e elas obedeciam. Sua família possuía mais de trezentos búfalos e vacas, era necessário soltá-los para pastar pelos campos e florestas. De tempos em tempos era necessário levar alguns até a cidade para vender. Eram tantas cabeças de gado que, nessas ocasiões, era necessário avisar para que as pessoas guardassem seus pertences, fechassem as portas e janelas, porque a passagem dos animais levantava muita poeira e sujava tudo.

Uma crença que os rapazes daquela época possuíam (e ainda persiste em parte na atualidade) é o poder mágico de tatuagens “místicas”, e o jovem Tongrat também tinha fé nisso. Acreditavam que tendo tatuado o corpo com aqueles símbolos mágicos, estariam protegidos contra perigos ou atrairiam muitas mulheres, e por isso, ele também possuía tatuagens no corpo.

Sempre que havia uma comemoração em seu vilarejo, ou em algum próximo, o jovem Tongrat cortava uma seção de bambu de cerca de um metro de comprimento para usar como garrafa e enchê-la de bebida alcóolica. Carregava nas costas com uma amarra e ia se juntar à festa – como era costume dos rapazes daquela região. Mas, mesmo tendo o jovem Tongrat gosto pela boa comida e bebida, jamais se envolvia em brigas – o que fazia com que, onde quer que ele fosse, estivesse sempre no olhar das jovens moças.

Certa vez, Ajahn Tongrat contou a Ajahn Pón que, quando primeiro se ordenou noviço, não pôde permanecer por muito tempo, pois teve que voltar para casa e ajudar a família. A razão pela qual se ordenou pela segunda vez foi por ter se enamorado por uma moça de um vilarejo próximo, que, por sua vez, demonstrava estar apaixonada por ele. Por muitas vezes ela pediu-lhe que fosse às respectivas famílias fazer o pedido formal de casamento, de acordo com os costumes – e se ele não o fizesse, ela fugiria para ficar com ele.

O jovem pensou por vários dias. A ideia de fugir com a moça não lhe agradava, mas, por outro lado, se lhe negasse o pedido, tinha medo que ela ficasse

triste. Por fim, decidiu que ainda não pediria a mão dela em casamento, contudo, temia que se permanecesse disponível não iria conseguir resistir aos avanços da moça. Por isso, pediu a seu pai que o levasse ao templo para que se ordenasse. O pai não queria que se ordenasse porque auxiliava muito no trabalho da família, portanto, queria que ele seguisse na vida laica, mas foi obrigado a ceder aos pedidos do filho que argumentava: “Ainda não quero ter esposa!”

Então, seu pai o levou a um templo, mas não disse nada a ninguém. Mesmo as pessoas em sua própria casa não sabiam para onde ele havia levado o filho para ordenar-se. Somente muitos anos mais tarde, quando seu pai, mãe e alguns outros familiares já haviam falecido, foi que os habitantes do vilarejo ficaram sabendo que ele se ordenara em Wat Boddhi Chai, no distrito Ta Uten, Nakhon Phanom, tendo Ajahn Khan Khantyo como upajjhāya².

Filha mais nova de Ta Nakajat e sobrinha de Ajahn Tongrat, Mé Yai Jantima conta que após Luang Kam Jat levar o jovem Tongrat para ordenar-se, somente uma vez o viu novamente, quando ela tinha cerca de 23 anos. Após essa ocasião, nunca mais o viu. Somente muitos anos mais tarde recebeu a notícia de que ele havia falecido em Ubon Ratchathani, no ano de 1956.

Também quando seu irmão mais velho foi se ordenar monge, o pai o levou ao mesmo upajjhāya, porque naquela época não havia muitos, e Ajahn Khan era o responsável por toda a região dos distritos Sri Sonkram, Ban Péng e Ta Uten. Só então este ficou sabendo do destino do irmão mais novo.

² *Upajjhāya é o monge que preside a cerimônia de ordenação monástica.*

Renúncia

Ajahn Tongrat se ordenou no ano de 1916, aos 28 anos de idade. Após a ordenação, nunca enviou notícias aos familiares, nem voltou para visitá-los. Inicialmente dedicou-se a estudar, pesquisar as escrituras e demais textos, como o Navakaovāda, e memorizar o Pātimokkha.

Permaneceu com seu upajjhāya por dois anos e pensou que queria voltar à vida laica. Não importa o que estivesse fazendo, pensava apenas em largar a vida monástica. Ele cumpria todas suas tarefas de monge novato à perfeição, mas o desejo de voltar à vida laica não desaparecia. Tudo isso é considerado normal para um jovem monge, porém Ajahn Tongrat possuía uma especial determinação em buscar uma forma de superar esse obstáculo e conseguir permanecer no caminho do Dhamma. Assim, pediu licença a seu upajjhāya para deixar o templo e ir em busca de um local distante, para experimentar a vida em reclusão.

Ajahn Tongrat uma vez contou a seu sobrinho, Ajahn Dêt, que na ocasião em que queria largar a vida monástica, quando era monge há apenas dois anos, deixou seu upajjhāya em busca de um local recluso, como uma forma de não deixar o manto monástico. De seu templo original, viajou por florestas e montanhas, mas quanto mais andava e ficava cansado, mais queria voltar à vida laica.

Andou até Pu Pân e procurou um local para armar seu glôt³. Praticou meditação andando e sentado, seguindo as instruções que estudara nos livros – e que já havia praticado um pouco antes – mas que ainda não compreendia claramente. Praticou durante dois dias. Pela manhã, ia pedir esmolas aos aldeões que moravam em barracões, ao pé da montanha. Tendo se alimentado, praticava ainda mais, e sofria ainda mais, porque queria muito voltar à vida laica.

³ *Um guarda-chuva grande, sobre o qual se põe uma tela de proteção contra mosquitos, que permite dormir e praticar meditação na floresta.*

Então tomou a seguinte decisão: “Já que quer tanto largar o manto, que morra aqui mesmo!”, e esforçou-se ainda mais em praticar meditação. Praticou por seis ou sete dias sem comer e a vontade de largar o manto aos poucos enfraqueceu, mas ainda não desaparecia. Como por vários dias não foi ao vilarejo recolher esmolas, os aldeões acharam que algo acontecera e decidiram subir a montanha para investigar. Ao chegarem, viram-no praticando meditação andando e desceram para buscar água e comida para lhe oferecer, mas recusou. Os leigos pediram e imploraram para que comesse. Durante a conversa, contaram-lhe sobre Ajahn Sao e Ajahn Man. Disseram que esses dois monges eram verdadeiros praticantes, todos os respeitavam muito. No passado estiveram por ali em peregrinação⁴. Ajahn Tongrat perguntou mais a respeito e descobriu que normalmente ambos vivam na região de Sakhon Nakhon e Nakhon Phanom. Imediatamente decidiu sair em busca dos dois mestres para que eles lhe ensinassem o Dhamma. Assim, desceu da montanha e começou sua busca.

⁴ Em tailandês, “tudong”. Diferente da peregrinação conhecida no ocidente, não necessariamente visa “pagar uma promessa” ou ir a um local sagrado. Os monges simplesmente viviam ao ar livre, acampando em florestas e montanhas, e lá desenvolviam sua prática.

Aquele que mostra o caminho da luz

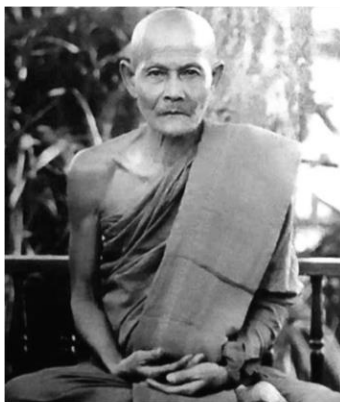
E de fato Ajahn Tongrat viajou, buscou, procurou até encontrar Ajahn Man quando este residia em Wat Pah Suthavát, em Sakhon Nakhon – uma antiga floresta muito propícia para a prática de meditação.

Ajahn Tongrat permaneceu com Ajahn Man por três ou quatro dias. Por ordem de Ajahn Man, sairia para praticar sozinho os ensinamentos que havia recebido. Mas durante sua prática sentia que quanto mais praticasse, mais sentia-se pesado. Quer estivesse de pé, sentado ou deitado, essa sensação de peso não diminuía. Lembrou-se de Ajahn Man e decidiu voltar para pedir instruções.

Quando se encontrou com Ajahn Man, este lhe perguntou: “Como vai a prática?”. Ajahn Tongrat não sabia o que dizer a Ajahn Man, pois não havia notado nada surgindo em sua prática; havia apenas aquela sensação de peso, quer andasse, sentasse ou deitasse.

Ajahn Man falou com uma expressão severa: “Não queira apenas paz em sua meditação! Se na sua prática só há ganância, o que acha que vai encontrar ali?”, e logo mandou que fosse embora novamente e continuasse a praticar.

Sendo uma pessoa resoluta e guerreira, ao ouvir a bronca de Ajahn Man sentiu-se energizado. Recolheu seus pertences e partiu em direção a uma densa floresta, resoluto a praticar com mais afinho ainda. Praticava meditação sentado e andando, dia e noite sem parar, com



Ajahn Man

muito pouco tempo para descanso – e também diminui o consumo de alimentos. Praticou dessa forma até que um dia a sensação de peso simplesmente desapareceu. Em seu lugar, surgiu uma agradável leveza no corpo e na mente. Onde quer que fosse, era como se levitasse no ar; não tinha

como explicar a sensação a qualquer outra pessoa. Praticou durante muito tempo e aquela sensação continuou, e se perguntava: “Então é isso que os mestres chamam de mente pacífica?” Decidiu voltar para consultar Ajahn Man.

Quando retornou nesta ocasião, seu semblante já não era como antes. Era visível que algo havia de maravilhoso acontecido. Disse a Ajahn Man: “Agora enxergo a mente pacífica.”

“E como é essa mente pacífica?”, perguntou Ajahn Man.

“Mente pacífica é a mente leve, corpo leve. Em qualquer postura, só há leveza, não tem como descrever”, e em seguida, explicou em mais detalhes as experiências que havia tido durante aquele período.

Neste momento Ajahn Man explicou-lhe mais adiante o caminho de prática. Mandou que contemplasse os cinco khandhas⁵ de forma a enxergá-los apenas como impermanentes, sofrimento e não-eu. Tendo feito isso, disse-lhe para que trouxesse a contemplação para dentro: neste corpo e mente, tudo é impermanente, é sofrimento, não é um “eu”, deveria separar dessa forma.

Tendo recebido as instruções de Ajahn Man, prestou reverência e partiu novamente para continuar sua prática solitária. Seguiu as instruções de Ajahn Man e contemplou, como descrito, incessantemente por vários meses, até o período próximo do começo do vassa⁶. Este seria seu terceiro ano como monge.

Neste momento todo tipo de coisa começou a se manifestar em seu coração. Surgiu êxtase em sua mente. Onde quer que olhasse havia brilho e luminosidade. Enxergava todas as coisas e tudo lhe parecia igual. Não tinha

⁵ *Agregado corporal, agregado das sensações, agregado da memória/percepção, agregado das construções mentais e agregado da consciência.*

⁶ *Período de três meses, durante a estação das monções, no qual os monges não devem viajar, mas sim residir num único local.*

dúvidas sobre nada nesse mundo, pensou em seu coração que mesmo que lhe apresentassem mil ou um milhão de problemas para resolver, nenhuma agitação invadiria sua mente. A sensação de quietude e paz na sua mente naquele momento era incrível, como se nada mais fosse capaz de fazê-la tremer. Essa sensação era ainda mais difícil de descrever do que a da ocasião anterior. Como dizem as escrituras, algo a ser experienciado individualmente pelos sábios.

Um discípulo conta que frequentemente ouvia Ajahn Tongrat dizer: “Não importa quantos ensinamentos existam, não se comparam à prática que leva a enxergar por si mesmo.” O discípulo então perguntou: “O que quer dizer quando diz isso?”

Ajahn Tongrat respondeu: “Pela fala dos outros obtemos somente o caminho a ser trilhado, eles não são capazes de expressar os resultados da prática em palavras. Aqueles resultados surgem sozinhos, caso esteja presente a prática que purifica o corpo, fala e mente. Sīla, samādhi e paññā surgem sozinhos. Não negligencie os pequenos estados mentais que não lhe parecem importantes. Se sīla for pura, samādhi e paññā farão progresso. Às vezes, senta-se em meditação e surgem questões, e a resposta a elas ao mesmo tempo. Se sīla não estiver pura, não será capaz de entrar numa floresta como um monge kammattāna⁷. Fantasmas vão lhe estrangular, tigres lhe devorar. Se um monge não tem sīla pura, os tigres o matam. É possível encontrar tais ossadas por aí, aos pés das montanhas ou dentro das cavernas.”

Depois dessa experiência, continuou em peregrinação sozinho pelas florestas, montanhas e cavernas. Caminhava com coragem, não tinha medo dos animais, fantasmas ou anjos. Onde quer que fosse, não sentia temor. Pode-se dizer que, deste ponto em diante, medo e dúvidas não eram mais assuntos que lhe pesassem o coração.

⁷ Um monge dedicado à prática do caminho, em oposição a um monge dedicado ao estudo do caminho (monge *pariyatti*)

Obstáculos na prática do Dhamma

Ajahn Tongrat costumava contar a seus discípulos sobre suas experiências com a prática, para que lhes servissem de ensinamento e encorajamento para o desenvolvimento pessoal. E não eram poucos os obstáculos que ele teve que enfrentar. Por exemplo, em certa ocasião, quando estava acampando numa montanha, praticava meditação andando o dia e a noite inteira. Então, surgiu-lhe uma visão de uma yaka⁸ gigantesca, tão grande quanto a montanha – uma visão muito assustadora. A yaka pulou e parou de pé, obstruindo o caminho que Ajahn Tongrat usava para praticar meditação andando, no entanto, ele não se deixou abalar. Apenas lembrou de um ditado: “Tudo que surge, desaparece. Se não desaparecer, é porque é falso.”

Com esse ensinamento em mente, exclamou em voz alta: “Fantasma idiota cara de cachorro⁹, você é de mentira! Yaka idiota cara de cachorro, você é de mentira!”, e após proferir essas palavras, a visão desapareceu.

Em outra ocasião, acampava em certa montanha e, durante uma sessão de meditação andando, teve uma visão das folhas dos pés de bambu à sua volta caindo todas, cobrindo toda a superfície do chão. Em seguida, aquelas folhas se transformaram em peixes, e o ar ao seu redor se transformou em água, com tais peixes nadando por toda parte. Ajahn Tongrat simplesmente usou a mesma técnica que na ocasião anterior e falou em voz alta: “Folhas idiotas, cara de cachorro, malditos sejam seu pai e sua mãe! Vocês são de mentira – folhas são folhas, ar é ar. Não venham tentar me enganar! Tudo que surge deve desaparecer.”

⁸ *Um certo tipo de ser celestial. Não são necessariamente maldosos, mas costumam ser agressivos e possessivos.*

⁹ *Chamar ou insinuar que alguém é um cão, é a pior forma de ofensa na Tailândia.*

Ele repetiu essa frase até que aquela visão desaparecesse. As folhas voltaram a ser folhas normais, não havia mais peixes nadando sob o mar; e o ar voltou a ser ar, como de costume.



Certa vez, quando praticava meditação andando, sua mente ficou confusa e dominada pelo desejo sensual. Como de costume, Ajahn Tongrat lidou com o obstáculo de maneira agressiva e resoluta: pegou um machado velho e enferrujado, andou direto rumo a um toco de árvore na floresta – como se fosse assassinar alguém. Chegando lá, começou a bater com o machado no toco com toda força, enquanto dizia: “Malditos sejam seu pai e mãe! É você que constrói o mundo! Não sabe que qualquer mundo é cheio de sofrimento. Malditos sejam seu pai e mãe!” E continuou a atacar o toco de árvore com o machado até ficar exausto. O toco de árvore continuou de pé, uma vez que o machado estava cego e enferrujado, mas o desejo sensual que dominava sua mente desapareceu.

Três anos na caverna Bang Bôt

Ajahn Ki conta que durante esse período em que Ajahn Tongrat se dedicava de corpo e alma à prática, ouviu a notícia de que Ajahn Man havia partido para a região norte da Tailândia, na província de Chiang Mai, e decidiu partir na mesma direção. Tendo encontrado com ele, naquela área, logo antes do começo do retiro de chuvas daquele ano.

Ajahn Man perguntou sobre o progresso de sua prática e Ajahn Tongrat relatou tudo que experienciou. Ao começo do retiro de chuvas, Ajahn Man costumava enviar alguns de seus discípulos por diversos locais de prática, enquanto outros permaneciam junto a ele. Ajahn Man recomendou a Ajahn Tongrat que fosse praticar na caverna Bang Bôt, mas com uma condição: deveria permanecer três anos ininterruptos lá. Ajahn Man já havia praticado nessa caverna e a considerava apropriada para um monge cuja mente fosse firme e corajosa. Contou ainda que muitos monges já tinham falecido lá. Se não possuísse uma mente hábil, as chances de sair vivo seriam poucas.

Tendo recebido essas instruções, Ajahn Tongrat partiu em direção à caverna sozinho. Ao chegar, procurou um local para pendurar seu glô, limpou uma área para praticar meditação andando e lá permaneceu durante os três anos seguintes.

Durante uma noite de lua cheia no primeiro ano de sua estadia, após uma sessão de meditação andando, foi continuar sua prática na postura sentada. Enquanto praticava com a mente silenciosa e pacífica, escutou um grande barulho que fez tremer toda a região. Não conseguia distinguir que som era aquele. Era como o se o céu estivesse desmoronando, a montanha inteira parecia tremer, como se estivesse a ponto de desabar. Ouvia o som de animais e pessoas gritando por toda parte.

Ficou em dúvida se deveria sair para descobrir o que era. O medo que parecia haver desaparecido de seu coração voltou sem dar aviso, mesmo que antes tivesse dito a si próprio já não existir mais temor dentro de si. A recitação do mantra “Buddho” desapareceu por completo, havia somente pavor em sua mente.

Ajahn Tongrat contou aos discípulos que sentiu tanto medo que não era capaz de descrevê-lo. Seus cabelos e pelos do corpo todo se eriçaram, a ponto de ele pensar que cairiam de sua cabeça. Seu manto e sarongue estavam encharcados de suor. Tendo chegado ao máximo do medo, algo como uma voz sussurrou em seu ouvido: “Neste mundo, todos os seres, incluindo devas, bramas, Yama e yakas, sem exceções, prestam reverência e respeitam os Buddhas. Sendo eu um discípulo do Tathāgata, por que sentir medo?”

Ao ouvir esse ensinamento, começou a recuperar sua compostura mental e logo surgiu coragem em seu coração. O medo aos poucos retrocedeu e, ao final, desapareceu sem deixar traços. Ajahn Tongrat tentava fazer com que voltasse, mas não conseguia. Imaginou um tigre, um elefante, e não via nada demais, não havia nada de assustador. Tinha a sensação de que esse desaparecer do medo, nesta ocasião, tinha muito mais profundidade que na ocasião anterior – era centenas, milhares de vezes mais profundo. Praticava meditação sentado ou andando e havia apenas frescor e bem-estar, não sentia fome ou sede. Passou sete dias e sete noites naquele estado, sem dormir.

Tendo passados vários dias, os leigos subiram a montanha para procurá-lo, uma vez que havia muito tempo que ele não descia para recolher esmolas. Pensaram que algo havia acontecido com ele. Perguntaram-lhe: “Está doente? Seus olhos estão vermelhos.”

Respondeu: “Estou bem.”

“Não tem fome ou sede? Há dias que não vem recolher esmolas. Pensamos que lhe aconteceu alguma coisa, como com os monges anteriores.”

No dia seguinte foi recolher esmolas no vilarejo, entretanto, comeu apenas duas colheradas e teve que parar. Seu corpo não estava aceitando a ingestão de alimentos, não importava o que comesse, vomitava tudo. Demorou vários dias para que voltasse ao normal.

Continuou praticando lá até completar os três anos. Ao fim do terceiro retiro de chuvas desceu da montanha e foi procurar Ajahn Man mais uma vez.

Contou-lhe sobre suas experiências e Ajahn Man exclamou: “Tongrat, agora sua mente está igual à minha! De agora em diante, ensine às demais pessoas. Que você ensine!”

Volta ao lar pela primeira vez

Após todos esses anos praticando em florestas e montanhas, o manto que ele utilizava, e que havia costurado com suas próprias mãos, estava gasto e o tecido rasgava com frequência. Ajahn Tongrat já estava cansado de ficar remendando¹⁰, principalmente porque nem sempre conseguia encontrar retalhos para utilizar. Se encontrava retalhos, não possuía linha para a costura. Algumas vezes foi obrigado a utilizar fibras da casca de árvores por falta de uma opção melhor. Ele era muito minucioso na observação das regras monásticas, portanto, mesmo seu manto estando descolorido e coberto de remendos grosseiros, ainda assim, era belo a seus olhos, pois era uma manifestação viva de seu zelo e dedicação ao modo de prática estabelecido pelo Buddha.

Sendo que nenhum leigo havia feito um convite para que ele pedisse por requisitos quando necessitasse, pensou, então, em ir pedir permissão a Ajahn Man para voltar a seu vilarejo natal para pedir tecido a seus familiares, e assim, costurar um manto novo. De acordo com o Vinaya, um monge só pode pedir a um leigo caso esse antes tenha feito um convite para tal – em pāli esse convite se chama “pavāranā”. Caso este não exista, é permitido fazer pedidos a familiares, mesmo que eles não tenham oferecido pavāranā. Ajahn Tongrat queria voltar a sua casa para pedir tecido e linha, para costurar um novo jogo de mantos.

Ao relatar sua intenção a Ajahn Man, este disse: “Eh, você se ordenou monge porque queria ver e experienciar o Dhamma, não é? Agora vai voltar a se enroscar com os leigos?”, mas ainda assim, deu permissão para a viagem. Ajahn Tongrat entendeu a boa intenção por trás das palavras do mestre, prestou reverência, e tomou a estrada em direção à sua terra natal.

¹⁰ Segundo a regra monástica, um monge não pode deixar o manto rasgado, ele tem o dever de sempre remendar.

Filha mais velha de Ta (irmão mais velho de Ajahn Tongrat), Jantima conta que quando ele voltou ao lar pela primeira vez, ela tinha 27 anos de idade. Ao chegar em casa, ninguém conseguia reconhecê-lo, mesmo seu irmão mais velho. Ele chegou pela manhã, caminhando e recolhendo esmolas.

Em geral, nenhum monge passava em frente à casa deles, e por isso, Ajahn Tongrat teve que esperar bastante tempo até que um vizinho notasse que lá havia um monge e, em seguida, batesse na janela, gritando: “Avô, avô! Não vê o venerável, seu irmão mais novo, de pé em frente à sua casa?” Ta olhou da varanda, mas ainda não acreditava, então desceu para o andar térreo para olhar de perto. Ao chegar, ajoelhou-se com as mãos em añjali e disse: “Seja bem-vindo venerável. De onde vem?”

Ajahn Tongrat respondeu: “Sou desse mesmo vilarejo, sou filho de Kam Jat. Estou hospedado em Wat Pah Han.” E continuou adiante recolhendo esmolas, deixando para trás Ta confuso, que tentava entender o que significava tudo aquilo. Quanto mais pensava, menos conseguia adivinhar quem era aquele monge: “Esse monge vem dizer que é filho de meu pai, Kam Jat...”

Após recolher esmolas, Ajahn Tongrat voltou ao mosteiro e Ta foi conversar com ele para descobrir se, de fato, era filho de Kam Jat. Ao chegar, perguntou: “Afinal, quem é você?”

“Me chamo Tongrat, naquela ocasião, o pai me levou a Wat Boddhi Chai, em Ta Uten, para me ordenar.” Só então Ta acreditou que o monge que havia pedido esmolas em frente à sua casa era, na verdade, seu irmão mais novo. Ficou muito feliz em saber que seu irmão ainda estivesse vivo, perguntando-lhe sobre o que lhe ocorrera durante todos esses anos de afastamento. Ele não imaginava que teria a oportunidade de novamente conversarem nessa vida. Com relação a seu pai, sua mãe e muitos outros familiares, tinham há muito falecido.

Prah Kru Dun conta que “Wat Pah Han foi estabelecido por Ajahn Wang e Ajahn Ma. Naquela época não havia um salão, somente um abrigo do sol e duas ou três cabanas com telhado de palha. Na primeira vez que Ajahn

Tongrat se hospedou aqui, teve que dormir em seu glôt sob uma árvore de Bodhi nos fundos do mosteiro, que naquela época era uma floresta.”

Alguns dias mais tarde, Ta trouxe um pano que havia sido fiado e tecido por sua esposa para oferecer a Ajahn Tongrat. Este então costurou à mão um manto com aquele tecido, tingindo-o com tintura natural, feita da polpa da madeira da árvore de jaca.

Vendo seu irmão mais novo vivendo sob um glôt, Ta juntou alguns aldeões e construiu uma cabana com telhado de palha para que ele pudesse residir, mas antes que estivesse pronta, Ajahn Tongrat se despediu e voltou a suas peregrinações. Essa aversão de Ajahn Tongrat a edificações permanentes continuou por toda sua vida. Mesmo quando os leigos se ofereciam para providenciar toda a construção, ele ainda procurava desencorajá-los. Se finalmente não conseguia evitar que construíssem, ele dizia que podiam construir, mas ele não garantia que moraria lá. Quando tivesse vontade de partir, partiria.

Ajahn Uan conta que Ajahn Tongrat não gostava de ter um mosteiro como base fixa. Em geral, ficava sob as árvores das florestas e abrigos improvisados feitos de bambu e palha. Quando partia, o abrigo se degenerava e era engolido pela natureza, portanto, era difícil encontrar evidência de sua passagem por qualquer parte. Mesmo hoje em dia, quase nada pode ser encontrado dos locais, nos quais passou os vassas, como Bahn Dong Chon, Bahn Dong Makua, Bahn Pai Long, Bahn Non Hóm, Wat Huei Sri Khun, no Camboja; ou Fang Khong, no Laos. Os únicos locais onde ainda há indícios de que ali uma vez tenha vivido um monge são Bahn Khum, onde fica Wat Pah Munirat, e Bahn Khok Sawang, onde há uma pequena estupa construída pelos moradores para abrigar uma parte de seus restos mortais.

Após sua partida de seu vilarejo natal, Ajahn Tongrat continuou sua prática em reclusão. De vez em quando surgiam dúvidas sobre a prática que ele ou resolvia sozinho, ou procurava a ajuda de Ajahn Sao ou Ajahn Man. Assim que consultava os mestres, partia novamente, pois preferia viver sozinho. Não gostava de viver em grupos, em comunidades, o que era a razão pela qual a

maioria dos monges do grupo de discípulos de Ajahn Sao e Ajahn Man não o tenha conhecido ou soubesse de sua existência.

Passavam-se muitos meses entre uma visita e outra, quando vinha ouvir o Dhamma dos mestres, e mesmo nessas ocasiões, era comum sequer dormir no mosteiro, partindo assim que a palestra se encerrasse. Em geral, permanecia em Nakhon Phanom, Sakhon Nakhon, Laos e Myanmar. Em algumas ocasiões, praticava na companhia de outros grandes monges como Ajahn Wen, Ajahn Tü. Também passou bom tempo com Ajahn Mi, durante uma peregrinação por Myanmar.

Ajahn Tongrat era especialmente próximo a Ajahn Tü com quem gostava de conversar e contar piadas. Eles também haviam sido ordenados pelo mesmo upajjhāya. Quando Ajahn Tü saía em peregrinação, gostava de sempre trazer algo consigo da viagem, especialmente imagens de Buddha. Grande parte das imagens de Buddha expostas em Wat Boddhi Chai foram doadas por ele. Ajahn Tongrat dizia: “No futuro, Ajahn Tü será um monge famoso, de grande mérito.” De fato, as palavras deles mostraram-se verdadeiras, Ajahn Tü tornou-se um mestre muito famoso e respeitado por toda a Tailândia.



Ajahn Tü



Certa vez, Ajahn Uan foi em peregrinação para o Laos e descobriu que Ajahn Tongrat também estava por lá, pois possuía família naquele lado do rio

Mekong. Ele estava hospedado no cemitério de floresta¹¹ de Don Chao Pu, onde aldeões construíram uma pequena cabana para monges que viessem praticar meditação. Ajahn Uan foi prestar reverências e pediu para permanecer com ele por cinco ou seis dias.

Durante aquele período, um certo mercador da região levava elefantes para vender em Vietiane, mas chegando perto de onde estava Ajahn Tongrat todos os dezesseis elefantes se recusavam a seguir viagem, não importava o quanto puxasse ou batesse neles. O mercador não sabia mais o que fazer e decidiu ir ao vilarejo procurar um feiticeiro, que lá morava, para que lhe aconselhasse. O feiticeiro recomendou que preparasse uma travessa com velas, flores e incenso, e pedisse perdão ao espírito que habitava a região, pois desconfiava que era obra dele.

O mercador fez como indicado, mas não houve resultado – os elefantes continuavam se recusando a seguir adiante. Quando todos já não sabiam mais o que fazer, um de seus ajudantes disse: “O que será que tem nessa floresta que está assustando os elefantes?” e o grupo entrou na mata para tentar descobrir. Lá encontraram Ajahn Tongrat praticando meditação e se perguntaram se não seria ele a causa do problema. Foram lhe prestar reverência e ele perguntou:

“Para onde vão, o que querem aqui?”

“Os elefantes que conduzo chegaram até aqui e se recusam a seguir adiante, não sei por quê. Todos agarram as árvores com suas trombas e se recusam a largar. Não importa o quanto puxemos ou batamos, eles não se movem.”

“Será que não estão com fome?”

¹¹ Antigamente os corpos eram cremados, enterrados em valas rasas ou mesmo deixados sobre o solo em áreas designadas na floresta. Era crença geral que tais locais fossem assombrados e por isso evitados pelos moradores, o que fazia serem muito pacíficos e apropriados para monges que se interessavam pela prática do Dhamma, além de um ótimo local para contemplar a morte.

“Como pode ser possível? Viemos os alimentando por todo o percurso, de manhã até a tarde.”

Ajahn Tongrat continuou conversando num tom brincalhão e os mercadores ficaram ainda mais desconfiados de que ele sabia algo a respeito e continuaram insistindo por muito tempo:

“Luang Pó¹², por favor nos ajude, já fizemos oferendas no altar dos espíritos e não obtivemos resultado.”

“Será que os bichos não estão com raiva ou cansados?”

“Não pode ser, cuidamos bem deles.”

“Oh, eles já largaram as árvores. Pode ir lá olhar.”, disse Ajahn Tongrat.

Os mercadores foram olhar os elefantes, e ao chegar, eles os encontraram tranquilos, comendo grama, como de costume. Todos tinham certeza que isso era resultado de algum poder psíquico de Ajahn Tongrat, então voltaram para vê-lo e pedir perdão por qualquer ofensa que possam ter cometido, para só então seguir viagem com seus elefantes.



Uma vez, Ajahn Sai contou que Ajahn Tongrat foi praticar em uma floresta, não se sabe onde, e com habilidade conseguiu convencer uma pessoa a abandonar suas más intenções.

Certo vendedor ambulante fazia parte de um grupo que costumava sair pela região vendendo seus produtos, e na maior parte das vezes, demorava um ou dois meses para voltar ao lar, com os ganhos das vendas. Sua esposa cuidava do lar e era responsável por guardar e administrar o dinheiro, que o marido sempre lhe confiava assim que retornava de viagem, e era uma boa esposa em todos os aspectos. Mas nesta última viagem, ao retornar ao lar, o marido

¹² *Venerável Pai*

não encontrou a felicidade e alegria a qual estava acostumado receber. Desta vez, ao retornar, foi recebido com a notícia de que sua amada esposa havia roubado todo o dinheiro do casal e fugido com seu amante.

Dominado pela raiva e obcecado em obter vingança, o marido juntou alguns de seus amigos mais próximos e, de armas em punho, saíram pela região passando por todos os locais onde imaginavam que seria possível encontrar o casal de traidores.

Por coincidência, ao final de certa tarde, Ajahn Tongrat estava acampado à beira de uma floresta pela qual o grupo passava em busca de sua vingança. Ao notarem a presença de Ajahn Tongrat, pensaram: “Esse monge peregrino deve viajar por muitas regiões. É possível que tenha visto as pessoas que procuramos.”

Por terem um certo respeito a monges como ele, primeiro esconderam suas armas no mato e arrumaram suas roupas. Aqueles que antes pareciam caçadores, agora pareciam praticantes leigos, com panos brancos dobrados sobre o ombro esquerdo. Foram até ele enquanto praticava meditação andando e prestaram reverência, mas antes mesmo que tivessem a oportunidade de dizer qualquer coisa, Ajahn Tongrat exclamou: “Filhos, ei! Isso que vocês estão planejando fazer é mau carma!”

Os rapazes ficaram brancos de susto. Após um momento, ele continuou: “Joguem fora as armas, facas e porretes que esconderam, não encostem mais a mão nessas coisas. Filhos, eu sei tudo sobre o motivo pelo qual vieram aqui, seus corações estão queimando como fogo. Não há honra alguma em ‘lavar sua honra’, isso não passa de uma forma de aumentar ainda mais seu mau carma. Na verdade, você tinha uma dívida cármica com essa sua esposa que fugiu com o amante, se for atrás, e conseguir encontrá-la, vai acabar reatando o relacionamento com essa bruxa. Ela já te traiu a esse ponto, você está sofrendo até quase não aguentar mais, e ainda vai buscá-la de volta? Filho, ei! Deixa-a ir embora!”

Ao ouvir essas palavras, o homem sentou-se cabisbaixo e refletiu sobre o que havia ouvido. Então, prostrou sua cabeça aos pés de Ajahn Tongrat e chorou

com o alívio de ter se salvado de realizar um carma tão ruim, e de tristeza em aceitar a realidade sobre como as pessoas se agridem dentro desse infinito ciclo de nascimento e morte.

Após acalmar-se, pediu permissão para tornar-se monge para poder viver como discípulo junto a Ajahn Tongrat pelo resto da vida. Já os amigos que o acompanhavam, despediram-se, e voltaram a suas casas. Ajahn Tongrat levou aquele homem a um mosteiro e o deixou lá, para que se ordenasse e desenvolvesse a prática do Dhamma, mas logo partiu só, para voltar às florestas e montanhas, pois era sua característica gostar de viver sozinho. Não gostava de pessoas lhe seguindo, também não costumava seguir aos outros, exceto quando houvesse boa razão.



Ajahn Tongrat costumava dizer a seus discípulos que falar e conversar mais do que o necessário não é benéfico para a prática, ainda mais se for conversa sobre o budismo. É ainda mais perigoso se as pessoas conversando não tiverem profundidade suficiente no Dhamma, conforme o antigo ditado tailandês que diz: “se quiser matar dez ou vinte, pelo menos tenha a honestidade de usar um porrete – não use as escrituras como arma!”

Certa vez, quando foi visitar Ajahn Man, havia dois monges conversando num canto. Como é corriqueiro com pessoas que ainda não têm profundidade no Dhamma, quando começaram a conversar sobre o tema, houve briga e desavença, e não conseguiam chegar a um acordo. O tom de voz começou a ficar cada vez mais alto e agressivo, e no final, um deles foi buscar o Navakaovāda para provar que ele era quem tinha razão.

Mesmo assim, a disputa continuou. Estava com cara de que ia passar do nível de discussão e virar uma briga; e de briga em agressão. Quando parecia que já iam passar aos socos e pontapés, do nada surgiu Ajahn Tongrat. Este caminhou direto entre os dois, tomou o livro da mão do monge e esfregou no traseiro como quem se limpa após defecar. Jogou-o no chão, e disse: “Não façam como o Ajahn, é pecado.”

Vendo aquilo, os monges voltaram a si e se deram conta de que usar as escrituras para agredir um ao outro é tão desrespeitoso como usá-las para limpar o traseiro, e a briga se encerrou bem ali.



Ajahn Kinari contou para seus discípulos que quando Ajahn Tongrat ia ouvir ensinamentos de Ajahn Man, este costumava elogiar Ajahn Tongrat e dá-lo como exemplo para que os monges mais novos seguissem. Por Ajahn Tongrat ser muito direto e sem medo, às vezes Ajahn Man passava a ele a responsabilidade de fiscalizar o comportamento dos monges mais novos e corrigir aqueles que se comportavam mal – e por isso era comum vários monges não gostarem muito dele. Regularmente Ajahn Man designava responsabilidades a Ajahn Tongrat durante reuniões da sangha, para que todos ouvissem as ordens.



Ajahn Kinari

Certa vez, Ajahn Man olhou para Ajahn Tongrat e exclamou em voz alta: “Tongrat!”

“Sim, senhor.”, respondeu.

“Atualmente nossos monges não são como antigamente. Usam sabonete, sabão em pó, e ficam perfumados de uma maneira não compatível com o modo de ser de um renunciante. Não sei mais o que fazer.”

Alguns dias mais tarde, Ajahn Tongrat estava sentado dentro do mosteiro e um grupo de dois ou três monges passou, deixando um rastro de perfume de sabonete, como havia mencionado Ajahn Man. Ajahn Tongrat exclamou com

uma voz bem alta: “Hummm, que cheiro de juventude!¹³”, o que fez com que os monges ficassem envergonhados e não tivessem coragem de fazer aquilo novamente.

Ajahn Ki dizia que Ajahn Tongrat era muito estrito com sabonetes e sabão em pó. Em especial, não costumava usar sabonete. Se usasse, cortava apenas metade de um para ter consigo, e só se fosse um sabonete sem perfume. Dizia que ter um sabonete inteiro seria capaz de atçar as kilesas na mente.



Na biografia de Ajahn Wen é descrita a atitude que Ajahn Man tinha com relação aos dois sectos budistas tailandeses. Ajahn Man era do secto Dhammayut, mas a maioria dos monges, que vinha estudar com ele, era do secto Mahā Nikāya¹⁴.

Quando Ajahn Wen era um jovem monge tinha muita preocupação sobre esse assunto, e se questionava se não deveria mudar de secto, a ponto dessa preocupação estar se tornando um obstáculo na sua prática. Certa vez, havia um grande número de discípulos Mahā Nikāya de Ajahn Man pedindo permissão para mudar para o secto Dhammayut, e Ajahn Wen também se juntou a eles. Ajahn Man deu permissão à maioria dos monges, mas determinou que um pequeno grupo continuasse filiado ao secto Mahā Nikāya, justificando:

“Se todos mudarem para Dhammayut, não haverá quem ensine o modo de prática no Mahā Nikāya. Nibbāna não depende de secto, mas sim da prática

¹³ É provável que esse fosse um slogan de campanha publicitária daquela época.

¹⁴ Na Tailândia há dois sectos budistas: Mahā Nikhāya e Dhammayut. Ambos são igualmente Theravada, diferem apenas em administração. O grupo Dhammayut foi criado por insatisfação com o nível de conduta do Mahā Nikhāya. Sua proposta era devolver o budismo a sua forma mais pura e disciplinada.

correta, de acordo com o Dhamma e o Vinaya ensinados pelo Buddha. Abandonar o que deve ser abandonado, evitar o que deve ser evitado e desenvolver o que deve ser desenvolvido. Este sim é o caminho que leva a Nibbāna.”

Ajahn Ki conta que uma vez um grupo de monges conversava, menosprezando aqueles que não faziam parte do secto deles, inclusive criticando Ajahn Tongrat, dizendo: “Esse Luang Ta¹⁵ é do Mahā Nikāya, não se juntou ao Dhammayut como nós.”

Ajahn Tongrat ouviu o que foi dito, andou direto ao grupo, virou de costas, levantou seu sarongue expondo o traseiro e disse: “Sai do meu rabo, seu cocô!” O que fez o grupo de monges se dispersar imediatamente, chocados com o que haviam presenciados.



Na época do Buddha não havia secto algum, todos monges eram membros de uma mesma comunidade, mas graças à ignorância e mal comportamento das gerações seguintes, começaram a surgir tais separações. A administração eclesiástica do grupo Dhammayut proibia que monges Mahā Nikāya participassem de cerimônias oficiais da sangha, como a recitação do Pāṭimokkha¹⁶, com os monges Dhammayut, mas isso não era um problema inicialmente para Ajahn Tongrat, uma vez que ele costumava permanecer apenas por uma ou duas noites no mosteiro, ouvindo os ensinamentos de Ajahn Man, antes de voltar sozinho à floresta.

No entanto, conforme Ajahn Man lhe delegava mais responsabilidades, às vezes ele permanecia por muitos dias, e isso gerava mal-estar entre os demais monges. Certa ocasião, aproximava-se o dia da recitação do Pāṭimokkha e um murmúrio começou a se espalhar pelo mosteiro. Os monges estavam

¹⁵ *Uma maneira informal de se referir a um monge mais velho. Nessa ocasião, desrespeitosa.*

¹⁶ *A lista de 227 regras monásticas, recitadas em pāli.*

preocupados se a presença de Ajahn Tongrat era apropriada, ou se não causaria problemas, caso a notícia de que haviam realizado a cerimônia em conjunto com um monge Mahā Nikāya se espalhasse.

No dia anterior à cerimônia, quando os monges estavam reunidos tomando chá, Ajahn Man perguntou a Ajahn Tongrat:

“Tongrat, tem dúvida sobre a validade da cerimônia de amanhã?”

“Não senhor, não tenho dúvida alguma.”

“Eh, então está bem. Venha juntar-se à recitação do Pāṭimokkha, ok?”

Mas Ajahn Tongrat não queria causar problemas desnecessários ao mestre, por isso respondeu com as mãos em añjali: “Não é necessário. Peço licença para ir realizar a cerimônia em outro lugar.”

Desse dia em diante, sempre que novos monges do secto Mahā Nikāya vinham estudar com Ajahn Man ou Ajahn Sao e pediam para mudar para o secto deles, estes recusavam e mandavam que fossem estudar com Ajahn Tongrat. Ajahn Man não dava mais permissão para que ninguém mudasse de secto, argumentando: “Se deixarmos as pessoas mudarem, haverá brigas, disputas, e a sangha ficará ainda mais fracionada do que já está hoje.” Era desejo de Ajahn Man e Ajahn Sao que ambos os sectos voltassem a ser um só grupo.

Dessa forma, era como se Ajahn Tongrat recebesse a incumbência de ser o general do exército do Dhamma no lado Mahā Nikāya. Além dele, alguns exemplos de outros grandes mestres que faziam parte do grupo:

- Ajahn Mi, Wat Pah Sung Nên
- Ajahn Si Tao, Bahn Wéng
- Ajahn Prom, Bahn Kôk Kóng
- Ajahn Bun Máx, Wat Amata
- Ajahn Kinari, Wat Kantasilavasssa
- Ajahn Sai, Wat Pah Nóng Yau
- Ajahn Ta, Wat Tam Sap Müt

- Ajahn Uan, Wat Jantavassa
- Ajahn Chah, Wat Nong Pah Pong



Ajahn Chah

Ajahn Uan conta que, durante os períodos em que permanecia no mosteiro com Ajahn Man, Ajahn Tongrat cuidava dos demais monges mesmo quando Ajahn Man não lhe designava deveres. Por exemplo, vez por outra, Ajahn Man passava muitos dias sem dar ensinamentos aos discípulos, o que fazia com que os monges mais novos ficassem angustiados, pois sentiam falta da sensação sublime de deleite no Dhamma que experienciavam durante aquelas palestras – e talvez por essa mesma razão, Ajahn Man fazia questão de atormentá-los e não mais ensinar.

Certa vez, havia monges visitantes no mosteiro que ainda não tinham tido a oportunidade de ouvir uma palestra de Ajahn Man. Pediram ajuda a Ajahn Tongrat que lhes perguntou: “Vocês querem ouvir mesmo uma palestra?”

“Há muitos dias viemos praticar aqui com Ajahn Man e ainda não tivemos a oportunidade de ouvir um só ensinamento dele. Já estamos pensando em desistir e partir.”

“Fácil! Hoje à noite vão ouvir um sermão.”, prometeu Ajahn Tongrat.

Então, quando os monges saíram pelo vilarejo recolhendo esmolas, uma pessoa doou pepinos frescos aos monges. Ajahn Tongrat, que andava logo atrás de Ajahn Man na fila de monges, sacou um pepino de sua tigela e começou a comer fazendo barulho “cróc, cróc, cróc”, mas sempre que Ajahn Man se voltava para olhar o que estava acontecendo, ele fechava a boca e continuava caminhando; como se nada estivesse acontecendo.

Esse tipo de comportamento certamente seria motivo de expulsão imediata, principalmente sabendo-se da personalidade severa que Ajahn Man possuía. Mas, como vinha de um de seus melhores discípulos, não foi o que aconteceu. Em vez disso, ao retornar, Ajahn Man apenas convocou uma reunião para o período da noite, na qual deu um longo e severo sermão a todos os monges presentes.

Em outras ocasiões semelhantes, quando monges mais novos queriam ouvir uma palestra, Ajahn Tongrat entrava debaixo da cabana de Ajahn Man, erguida sobre palafitas, e fazia sons, chutava e socava o ar como se estivesse treinando muay-thai. Sempre dava certo: à noite Ajahn Man convocava uma reunião e dava um longo e apimentado sermão aos monges.

Esse tipo de evento fazia com que os demais monges respeitassem muito Ajahn Tongrat. Primeiro, por sua coragem em fazer tal coisa, quando todos morriam de medo da fúria de Ajahn Man; segundo, porque qualquer outra pessoa em situação semelhante teria sido expulsa aos berros do mosteiro, para nunca mais voltar, o que, para eles, demonstrava que apesar de seu comportamento excêntrico, ele tinha todo o respeito e admiração de Ajahn Man como verdadeiro praticante do Dhamma.



Ajahn Kinari conta que certa vez havia um monge idoso no mosteiro que, quando se sentava em meditação, até certo ponto, conseguia pacificar sua mente. Uma noite, ao praticar meditação, surgiu-lhe uma visão na qual era um esquilo-voador – animal comum da região. Só que, nessa visão, ele era

um esquilo gigantesco que voava suavemente dentro de um lindo pomar de coqueiros. Essa visão fez com que ele ficasse muito feliz, pensando ser um sinal de que sua prática havia feito grande progresso.

Quando pela manhã saiu para pedir esmolas, continuou absorto naquela felicidade, a ponto de não querer conversar com ninguém. Mas ao retornar ao mosteiro, ainda imerso em êxtase, a primeira coisa que ouviu foi a voz de Ajahn Tongrat, gritando:

“Olha aí, olha aí, chegou o esquilão!”

Ao ouvir isso, o monge voltou a si, e percebeu que estava se deixando levar por meras imagens em sua meditação.



Em outra ocasião, quando Ajahn Tongrat passava o vassa com Ajahn Sao, todos os monges estavam praticando meditação com extremo afincio, a ponto de manterem completo silêncio – ninguém conversava com ninguém. Assim foi por muito tempo, até que certo dia, um monge idoso quebrou o silêncio para declarar, perante a sangha, que havia adquirido a capacidade de levitar no espaço. Ao ouvir isso, Ajahn Sao olhou para Ajahn Tongrat e disse: “Pega ele, Tongrat, pega ele!”.

Ajahn Tongrat se levantou, foi até o monge, e lhe deu um soco com toda a força na orelha. O velho monge caiu no chão com a força do impacto, e o tempo que demorou para se levantar, foi o tempo que precisou para abandonar aquela fantasia.



Outro discípulo conta que uma vez caminhavam em peregrinação num pequeno grupo de monges, liderados por Ajahn Tongrat. Ao passarem por um vilarejo, notaram certa movimentação em uma das casas. Ao chegarem perto, uma mulher de meia idade em prantos e em total desespero correu até eles, prestou reverência e implorou para que Ajahn Tongrat fosse até a casa dela, ressuscitar seu filho que acabara de falecer.

Ajahn Tongrat respondeu com uma voz brava: “Que morra o pai, a mãe e a família toda!”. Ao ouvir isso, a mulher parou de chorar, e encarou Ajahn Tongrat com ódio mortal em seu olhar. Notando que agora ela havia esquecido um pouco do desespero, e conseguiria ouvir o que tinha a dizer, Ajahn começou a ensinar sobre o sofrimento no mundo e sobre a inevitabilidade da morte. Aos poucos, o semblante da mulher mudou, e ao final estava sentada no chão, com as mãos em añjali, com um rosto pacífico e sereno; irreconhecível quando comparado a alguns minutos atrás. Terminado, o grupo de monges seguiu adiante.



Na ocasião em que inauguravam um salão de meditação em Bahn Sam Pong, muitos grandes mestres haviam sido convidados, dentre eles, Chao Khun Upali. Como Ajahn Man o reverenciava muito, este foi caminhando com Ajahn Tongrat e mais quatro ou cinco monges até a rodovia, porque naquela época não havia muitas e elas não chegavam a toda parte. Portanto, mesmo vindo de carro, ainda era necessário descer e caminhar a pé uns bons quilômetros para chegar ao seu destino.

Durante a caminhada, quando retornavam acompanhados do venerável mestre, todos congelaram ao se deparar com um búfalo selvagem, no cio, obstruindo o caminho. O animal parecia agressivo e fazia pose como se estivesse a ponto de atacar o grupo.

Imediatamente Ajahn Tongrat pediu licença para passar à frente¹⁷ e foi até o búfalo. Deu-lhe um chute em uma de suas pernas frontais com tanta força que o barulho foi ouvido de longe. O búfalo levou tamanho susto que mesmo os demais, que comiam grama à distância, também debandaram em desespero para dentro da floresta.

¹⁷ *Etiqueta dita que o monge mais velho ande à frente e os demais sigam alguns passos atrás.*



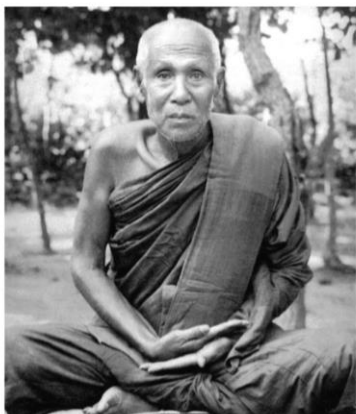
Ajahn Ki conta que certa vez Ajahn Man, Ajahn Tongrat e um pequeno grupo de monges caminhavam em peregrinação por uma montanha e escalavam uma encosta muito íngreme. Os monges pediram permissão para carregar os pertences de Ajahn Man, mas ele negou.

Em certo momento da caminhada, naquele trecho íngreme, a tigela de esmolas de Ajahn Man escapou de seu ombro, rolando morro abaixo. Todos os monges estavam com as costas carregadas com seus pertences e não tinham como se abaixar rápido o suficiente para pegar a tigela com as mãos (mesmo porque havia o risco deles mesmo começarem a rolar morro abaixo), por outro lado, ninguém se atrevia a usar o pé para segurar a tigela, pois tinham medo de que seria desrespeitoso ao mestre.

Então a tigela rolou morro abaixo, passando por todos os monges, até chegar a Ajahn Tongrat que vinha mais atrás. Sem cerimônia alguma, ele simplesmente pisou em cima da alça da tigela, e assim, evitou que ela se perdesse. Ao ver aquilo, Ajahn Man exclamou: “Veja Tongrat, ninguém pensa em ajudar o mestre!”

Bahn Chi Tuan

Anos antes, Ajahn Sao havia morado no vilarejo de Bahn Chi Tuan, em Ubon Ratchathani. Na ocasião em que se hospedava em Bahn Kha Khom, moradores de Bahn Chi Tuan vieram prestar reverência e pedir para que retornasse a morar com eles, porque sentiam falta de seus ensinamentos.



Ajahn Sao

Ajahn Sao recusou o pedido, pois já havia se comprometido a passar o período do vassa em Bahn Kha Khom; mas os visitantes insistiram e imploraram até que ele cedesse e, pelo menos, enviasse um de seus discípulos para que tivessem a oportunidade de fazer mérito e ouvir ensinamentos.

Após muito insistirem, Ajahn Sao cedeu: “Se quiserem um monge para agora, não será possível, pois ele ainda não chegou.” Os leigos viam que o mosteiro estava repleto de

monges e não entenderam por que Ajahn Sao dissera que ele ainda não havia chegado. Eles temiam não conseguir um monge a tempo, uma vez que faltavam apenas três dias para o começo do retiro de chuvas.

Perguntaram: “Luang Pu¹⁸, com licença, têm muitos monges no mosteiro, não seria possível mandar um deles?”

¹⁸ *Venerável Avô*

“Bahn Chi Tuan é um lugar cheio de ‘eruditos’¹⁹. Se o monge não tiver um nível mental e de Dhamma alto suficiente, temo que não conseguirá permanecer. Esperem mais dois dias, ele já vem.”

Ao ouvir Ajahn Sao prometer que enviaria um monge, mesmo estando o dia do começo do vassa tão próximo, os leigos ficaram muito contentes e partiram em seguida. Todos do grupo estavam muito felizes em saber que teriam um monge kammattāna passando os próximos meses junto a eles. Ao retornarem ao seu vilarejo, limpavam uma área, preparam uma cabana e um pequeno salão para uso do monge.

Passados dois dias, prepararam alimentos e partiram desde a madrugada em direção a Bahn Kha Khom. Ofereceram alimentos para a refeição, e quando os monges terminaram de comer, prestaram reverência a Ajahn Sao e perguntaram sobre o monge que passaria o vassa em Bahn Chi Tuan.

Ajahn Sao respondeu: “Ali, aquele é o monge que vai passar o vassa com vocês.”, apontando para Ajahn Tongrat. Os leigos ficaram felizes de ter um monge kammattāna para ensiná-los, mesmo não sendo ele Ajahn Sao, como inicialmente pretendiam. Foram até Ajahn Tongrat, prestaram reverência, e lhe fizeram o convite para que fosse passar o vassa com eles, acompanhado de mais três monges, e ele aceitou.

Antes que Ajahn Tongrat partisse, Ajahn Sao avisou: “Em Bahn Chi Tuan eles gostam muito de estudar, têm muitos ‘mahā’²⁰ por lá. Se tentar apenas falar, sem ter artifícios, vai ser difícil que eles lhe ouçam.” No passado, Ajahn Sao tinha mandado vários monges e todos tiveram que voltar sem resultados, porque os moradores não aceitavam seus ensinamentos. Quando primeiro foi construir um mosteiro lá, mesmo Ajahn Sao não obtivera resultados.

¹⁹ เจ้าคัมภีร์ – *Uma tradução um pouco difícil, uma tradução livre seria algo como “pessoas metidas a espertas porque leem muitos livros”.*

²⁰ *Um título dado a quem alcançou um certo nível de graduação nos estudos das escrituras budistas.*

Muitos anos mais tarde, ele afirmaria: “Se não fosse o Venerável Tongrat, não haveria quem pudesse ser capaz de ensinar às pessoas daquele vilarejo!”

Durante sua estadia em Bahn Chi Tuan, Ajahn Tongrat enfrentou vários desafios, exatamente como previra Ajahn Sao. Logo na sua chegada já começaram as dificuldades. Uma parte dos aldeões estava feliz com sua presença, já outra se mostrou descontente, pois entendiam que monges kammattāna não serviam para nada: “Monges que moram na floresta vivem sentados de olhos fechados. Dessa forma, como esperam enxergar coisas que mesmo pessoas de boa visão, de olhos abertos, têm dificuldade em enxergar?”

Um morador da região, Sr. Khanha conta: “Se fosse outro monge, e não Ajahn Tongrat, não conseguiria permanecer por causa dos problemas. Era muito difícil e complicado conseguir fazer as pessoas de lá abandonarem sua arrogância e a mente cheia de opiniões.”

Naquele vassa, Ajahn Sao estava em Bahn Kha Khom, Ajahn Tongrat em Bahn Chi Tuan, Ajahn Bun Mák em Bahn Ta Sala e Ajahn Tóng em Bahn Suan Gnuā. Quando chegava o dia do uposatha²¹, eles e seus discípulos se reuniam em Wat Pah Nong Ó para a recitação do Pāṭimokkha, não importando se fossem Dhammayut ou Mahā Nikāya. As autoridades ouviram a notícia e mandaram ordem a Ajahn Sao para que monges de ambos os sectos realizassem a cerimônia separados. Então passaram a fazer dessa forma, e se reunir somente quando houvesse alguma celebração.

Não havia muitas pessoas simpáticas a Ajahn Tongrat naquele vilarejo, principalmente porque ele estava disposto a fazer o que fosse necessário para ensinar àquelas pessoas a serem mais generosas. Uma das coisas que fazia fora dos costumes era chamar todos de “pai” e “mãe”. Um leigo perguntou a razão para isso e ele explicou que havia notado que por lá era costume usar

²¹ Uposatha é o dia de lua cheia ou lua nova, quando os monges recitam o Pāṭimokkha. Também é comum haver palestras e períodos de prática longos para leigos e monges nessa data.

o pronome “*o*” mesmo para se referirem aos pais, sendo que esse, em geral, é utilizado somente para animais. Então, ele tentava dar o exemplo para que as pessoas tivessem mais respeito umas pelas outras, e principalmente, aos mais velhos.

Em geral, os monges devem apenas caminhar pelo vilarejo em silêncio, e apenas receberem a comida que as pessoas voluntariamente se dispusessem a oferecer. Pedir diretamente, ou de qualquer forma pressionar alguém a doar, é considerado extremamente inapropriado. Durante sua estadia, se alguma casa preparasse comida para oferecer, mas esquecia de olhar se o monge já estava passando, Ajahn Tongrat parava em frente e esperava até a pessoa vir oferecer.

Se alguém demorava ou mostrava má vontade, ele não ficava ofendido, pelo contrário – fazia um esforço para ganhar a amizade de todos e agia de forma mais informal possível. Se chovesse, ele dizia: “Mãe, não precisa sair para oferecer a comida, vai se molhar, deixa que eu entro para receber.” E isso incomodava alguns, dizendo que o monge não se comportava de forma apropriada.

Se alguma casa não tinha o hábito de doar, ele procurava alguma forma de fazê-los mudar de costume. Por exemplo, se visse um cacho de bananas perto da casa da pessoa, ele gritava: “Mãe, vê aquele cacho de bananas? Não quer fazer um pouco de mérito? Então pegue algumas e coloque na minha tigela!”, e esperava até a pessoa trazer as bananas. Ao chegar ao mosteiro, não comia as frutas porque haviam sido obtidas de maneira inapropriada – ele agia assim apenas para ensinar às pessoas a generosidade.

Havia uma casa que sempre que ele passava em frente respondia: “O arroz ainda não está cozido!” No dia seguinte ele apareceu com um feixe de lenha nas costas, e disse: “Mãe, aumenta o fogo! Eu espero ficar pronto.”, e ficou de pé, esperando até trazerem a comida para oferecer. Ao chegar ao mosteiro, tirou a comida da tigela e não comeu. Se uma casa nunca doasse, ou sequer fosse ao mosteiro, ele mandava que uma monja fosse até aquela casa e pedisse qualquer coisa: betel, fumo, não importava – qualquer coisa.

Ao trazerem o que foi doado, ele não utilizava, pois havia sido obtido de forma incorreta.

Esse modo de agir fazia com que muitos o criticassem, a ponto de várias vezes o acusarem no meio da rua, quando saía para recolher esmolas, dizendo que não se comportava de maneira correta, mas ele não se incomodava. Certo dia uma pessoa, ao invés de doar comida, colocou um martelo em sua tigela. Ao chegar no mosteiro Ajahn Tongrat disse: “A pessoa deve ter achado que no mosteiro não tinha martelo, por isso doou um.”, e continuou a sair pelo vilarejo de manhã, como se nada tivesse acontecido.

Alguns dias mais tarde, essa mesma pessoa veio oferecer novamente. Colocou na tigela de Ajahn Tongrat uma trouxinha feita de folha de bananeira – ainda hoje um método comum de embrulhar alimentos – mas de um tamanho um pouco maior que o usual. Ao voltar ao mosteiro, disse aos demais monges: “Aquele pessoa que doou o martelo, doou algo mais hoje. Que será?”

De costume, quando retornava ao mosteiro, removia toda a comida da tigela, separava aquelas que não eram apropriadas para consumo (como carne crua ou coisas que tinham sido doadas por ele ter pedido), e os demais alimentos que não desejava comer. Deixava na tigela somente o que pensava em consumir, partilhando o resto com os demais monges. Como nesse dia havia esse embrulho grande, vindo daquela pessoa que o criticou várias vezes, ele aos poucos foi abrindo para ver o que tinha dentro. Ao abrir, pulou um sapo para fora, mas Ajahn foi rápido e o pegou antes que tocasse o chão, dizendo: “Eh! Se aquele leigo não tivesse colocado você na minha tigela, a essa hora, já estaria fervendo na panela da casa dele.”, e mandou os monges levarem o sapo para soltar na mata ao lado do mosteiro.

No dia seguinte, saiu pela manhã como de costume, como se nada tivesse acontecido. O leigo que havia colocado o sapo na tigela olhava de um canto, com um ar brincalhão, contudo, Ajahn Tongrat agiu como se não soubesse de nada. Dessa vez, durante a coleta de esmolas, uma pessoa colocou um bilhete dobrado em sua tigela. Ao voltar ao mosteiro, Ajahn Tongrat vestiu seu manto

de maneira formal, chamou os demais monges, e pediu que lessem o bilhete em voz alta: “Filhos, leiam. Esse com certeza é um ensinamento do Dhamma imortal! Um anjo colocou na minha tigela. É difícil ter a oportunidade de ouvir algo assim!”

Enquanto os monges liam, Ajahn Tongrat manteve as mãos em añjali: “Monge doido, você se diz monge, mas não é circunspecto, não tem sīla, não tem Vinaya, cria amizade de forma permissiva com os leigos e os incomoda fazendo pedidos. Mesmo que um monge como esse fosse capaz de levitar no ar, não valeria como monge. É melhor você sumir logo daqui, porque se não for, da próxima vez, vamos oferecer chumbo de esmola.”

Ao ouvir, levantou as mãos à testa e exclamou: “Sadhu! Guardem esse bilhete aos pés da imagem do Buddha. Aí estão os Oito Dhammas Mundanos. Até hoje apenas ouvia falar em riqueza e pobreza, fama e anonimato, elogio e críticas, prazer e dor. Oh, muito bom esse aqui. Sadhu! Acabo de aprender um pouco mais sobre o cerne do Dhamma. Guardem esse bilhete, guardem!”

No dia seguinte, saiu pela manhã como sempre. A pessoa que havia passado o bilhete no dia anterior estava em frente à sua casa, sorrindo, quando Ajahn Tongrat passou, mas os demais monges não notaram o mestre demonstrar qualquer sinal de raiva ou medo.

Passados alguns dias, ocorreu alguma confusão dentro da família daquela pessoa. Trocaram tapas e socos, e no final, aquele leigo acabou perturbado mentalmente. Ficava em casa amedrontado, dizendo que queriam matá-lo; em seguida fugiu para a floresta e se recusava a voltar, não importava o quanto seus familiares tentassem apaziguá-lo. Falava sem parar que havia alguém querendo matá-lo.

Por fim, a família levou uma oferenda de velas, flores e incenso a Ajahn Tongrat, e pediu que perdoasse o parente deles, achando que ele tivesse usado alguma mágica para fazê-lo ficar louco. Ajahn Tongrat insistiu que não havia feito nada, mas não acreditavam. Então, ele lhes explicou sobre carma, as consequências de difamar os outros, e mandou que voltassem para casa.

Ao chegarem, encontraram o parente de volta e com seu estado mental recuperado.

Aqueles dentro o grupo que estavam felizes com a presença dos monges não aguentavam presenciar todas as provocações, às quais eram submetidos e um dia uma pessoa perguntou: “Mestre, com sua permissão gostaria de perguntar, o Ajahn não fica com raiva dessas provocações diárias? Se fosse eu, já teria ido embora; não ficaria aqui para eles continuarem me ofendendo de todo jeito e por tanto tempo!” ao que respondeu, brincando: “Enquanto os moradores de Chi Tuan não caírem em prantos, não vou embora!”

Não conseguindo se livrar dele por nenhum dos métodos anteriores, os inimigos de Ajahn Tongrat tentaram uma nova estratégia: levaram o assunto às autoridades religiosas, que vieram investigar o assunto pessoalmente. Alguns mencionavam a forma inapropriada de Ajahn Tongrat se comportar, como ficar pedindo coisas, ou ter excesso de informalidade quando interagia com os leigos.

Sobre cada item, as autoridades perguntaram: “É verdade o que dizem?” e ele sempre respondia: “Sim, senhor.”

“Sendo assim, como você se explica, Sr. Tongrat?”

“O que é um bhikkhu? Não é um mendicante? Peço porque não tenho, então peço. Se não pedir, terei que ganhar meu próprio sustento, e isso é a forma de agir dos leigos. Se meu comportamento está errado, eu aceito qualquer punição que decidam.”

Todos os presentes ficaram em silêncio pois não sabiam o que dizer, ninguém sabia apontar como aquele comportamento poderia estar errado.



Mas com o passar do tempo, os moradores que eram antipáticos a ele começaram a mudar de atitude e a enxergar sua bondade.

Após o evento em que a pessoa que ameaçou Ajahn Tongrat ter ficado temporariamente desajustada mentalmente, começaram a surgir outros casos de pessoas que também o agrediram e, de repente, ficavam doentes ou morriam sem motivo aparente; outras começaram a ter todo tipo de problemas em casa, sendo que, antes, nada do tipo jamais ocorrera; e assim por diante. Esse tipo de evento começou a surgir frequentemente entre aqueles que eram contra Ajahn Tongrat, a ponto de as pessoas da região ficarem com medo dos frutos do mau carma que realizaram. Vinham um atrás do outro trazer flores, velas e incenso para pedir perdão ao monge – mesmo alguns, que nunca tinham feito nada contra ele, vinham pedir perdão por terem pensado mal ou caso tivessem agido de forma desrespeitosa sem perceber.

Não importava o quanto Ajahn Tongrat insistisse em dizer que não estava ofendido ou guardava rancor de ninguém, eles não davam ouvidos. Ao final, mesmo aquela pessoa que havia colocado o sapo na tigela de Ajahn Tongrat veio pedir-lhe perdão. Trouxe uma travessa com flores, velas e incenso, caindo em prantos perante seus pés, arrependido de tudo que tinha feito. Ajahn Tongrat tentava convencê-lo de que aquilo não era necessário, que ele não tinha guardado raiva alguma, mas o leigo insistia que aceitasse sua oferenda e pedido de desculpas. Mais à frente, aquele leigo começou a frequentar o mosteiro e regularmente ajudava com tarefas e serviços para os monges. Quando Ajahn Tongrat e Ajahn Sao estavam em peregrinação no Laos e residiram em Bahn Khum, aquele leigo ouviu a notícia, levou sua família inteira para morar no mesmo vilarejo, e ter a oportunidade de ouvir os ensinamentos de ambos os mestres. Ajahn Tongrat costumava chamar esse leigo de “Mahā Kéu”, pois no passado havia sido monge e estudado as escrituras até obter o diploma Prayôk 5²².



²² *Um nível elevado de estudo da linguagem pāli.*

Certo dia, Ajahn Tongrat contou aos moradores que na noite anterior tinha tido uma visão do fantasma de uma mulher grávida, com uma criança no colo. Ela trazia o bebê no colo e pedia que ele desse um recado a seus familiares, para que fizessem boas ações e dedicassem méritos a ambos.

Ajahn Tongrat perguntou ao fantasma a quanto tempo estava naquele estado de existência, a mulher se sentou ao chão, com as mãos em añjali, e respondeu: “Me casei e morei com Kham La até engravidar, e morri quando ainda estava grávida. Meu marido encontrou uma nova esposa em Bahn Hua Dón. Ninguém fez méritos para dedicar a mim, peço que o senhor passe o recado a meus familiares, por favor.”

Quando contou isso aos moradores, eles disseram que, de fato, conheciam tais pessoas e realmente, após o falecimento de sua esposa, Kham La mudou-se com uma nova mulher em Hua Dón, não muito longe dali. Posteriormente, a mensagem foi passada aos familiares que então fizeram a dedicação de méritos, para que ela e o filho pudessem superar aquele doloroso estado de existência.



Conforme a situação de atrito com os moradores foi se resolvendo, e quanto mais aumentava o respeito das pessoas por Ajahn Tongrat, começaram a chegar mais e mais convites para que ele participasse de cerimônias e celebrações na região.

Quando da cerimônia para início da colheita de arroz, os aldeões convidaram monges de vários templos e mosteiros da região, designando um assento a cada um, de acordo com quantos anos de vida monástica possuíam.

Mas quando Ajahn Tongrat chegou, não sentou no assento a ele designado – em vez disso, sentou-se em outro, e ficou batendo papo com os leigos presentes. Conforme os demais monges chegavam, os leigos mais uma vez o convidaram para que se sentasse em seu lugar, mas ele fingia não ouvir e continuava a conversar sobre outros assuntos. Os leigos convidaram mais

uma, duas vezes, até que por fim, ele disse: “Por que querem tanto que vá me sentar? Não sabem o que tem debaixo daquele assento?”

Não entendendo o significado daquilo, apenas disseram que não tinha nada lá. Ajahn Tongrat mandou que fossem inspecionar. Quando os leigos levantaram a almofada, quase morreram de susto: uma cobra muito venenosa havia se escondido debaixo do assento, toda enrolada, pronta para dar o bote!



Com o fim das desavenças, outra coisa que ocorreu foi surgir no coração de vários moradores a vontade de construir um mosteiro, para que ele residisse permanentemente no vilarejo deles. Vários leigos se juntaram para doar o terreno do mosteiro – aqueles que tinham um terreno adjacente, trocavam com aqueles que tinham um terreno mais distante e assim conseguiram um pedaço de terra contínuo, grande o suficiente para o mosteiro. Então levaram o assunto a Ajahn Tongrat que apenas disse: “Não precisa construir mosteiro para mim, eu já tenho meu mosteiro bem aqui: Minha tigela de pedir esmolas.”



Um certo monge chamado Ajahn Si veio morar no mesmo mosteiro que Ajahn Tongrat com o único propósito de achar defeito nele. Passou três anos vigiando-o, sem conseguir encontrar nenhuma evidência real de quebra dos preceitos monásticos.

Certo dia, Ajahn Tongrat caminhava em direção a um buraco no chão, que era utilizado para urinar, para se aliviar, e notou o olhar de Ajahn Si o acompanhando a cada passo que dava. Após urinar, Ajahn Tongrat cuspiu dentro do buraco. Ajahn Si logo foi até ele reclamar: “Você não diz que é

estrito com a observação do Vinaya? Por que cuspiu no buraco? Não sabe que é uma quebra da regra²³?”

Ajahn Tongrat respondeu: “Fiquei com pena de você que vem tentando achar algum defeito há mais de três anos. Se de fato estou errado, então me diga: O que foi que você escondeu debaixo do seu assento? Não sabe que uma arma não é algo apropriado a um renunciante?”

Quando Ajahn Si ouviu aquilo, ficou branco de susto. Não conseguia adivinhar como Ajahn Tongrat sabia que ele havia escondido uma faca em sua cabana.



Presente durante aquele período em Bahn Chi Tuan, Ajahn Tiap conta como era a prática do mosteiro.

Durante o vassa, eles liam a biografia do Buddha e Sāvākās e recitavam o pūjā traduzido para o tailandês. Nos dias de uposatha, ele ensinava aos leigos sobre os cinco preceitos. Pedia que evitassem as cinco formas de má conduta, porque a recompensa dessa prática é a prosperidade financeira, bem-estar físico, bem-estar mental e a capacidade de progredir no caminho para a iluminação. Já aqueles que seguem o caminho do mal, terão que suportar o fruto doloroso de seu comportamento tanto nessa vida, como nas seguintes, pois esse mau carma os seguirá não importa onde nasçam.

Ajahn Tongrat dava muita ênfase à prática dos cinco e oito preceitos. Ele dizia que para aqueles que acumulam muito mau carma, fazem muitas maldades, não observam os cinco preceitos, surge uma imagem mental no momento de sua morte que é uma expressão desse mau carma, por exemplo, a imagem de uma rede de pesca, uma armadilha de caçador, uma faca, uma espingarda

²³ O tradutor tem conhecimento detalhado do Vinaya, mas não consegue adivinhar porque eles pensariam que isso é uma quebra dos preceitos. A única coisa que levemente se assemelha é a ofensa em cuspir sobre plantas pertencentes a alguém, como um jardim ou uma plantação, mas claramente não é o caso relatado acima.

ou a imagem de animais que eles mataram. Essa imagem faz com que a mente se incline a renascer nos reinos inferiores.

Se a pessoa segue os cinco preceitos, faz mérito, é caridosa, ajuda a sangha, constrói uma cabana, um salão ou um templo para o mosteiro, quando falece vê uma imagem daquele templo, vê uma imagem do Buddha, vê um anjo ou uma imagem que representa a bondade que realizou ainda em vida, e ao morrer renasce em um reino superior.

Ele avisava às pessoas para que não fossem negligentes e que treinassem morrer antes de morrer, todos os dias. Por exemplo, que imaginassem que hoje às quatro da manhã fossem falecer, como se preparariam para esse evento? Antes de irem se deitar, deveriam oferecer pūjā e recitar os cinco preceitos. Se a observação de todos os preceitos estiver impecável, deveria sentir felicidade e satisfação consigo mesmo, recitar “Buddho me nātho, Dhammo me nātho, Sangho me nātho”²⁴, e então deitar-se para dormir com a mente estabelecida em sati. Ao inspirar, recite “Bud”; ao expirar, recite “dho” e continue assim até cair no sono. Isso trará bons sonhos, boas imagens mentais e se morrer, morrerá bem. Nascerá num reino celestial, mas se renascer como ser humano, será melhor que na vida anterior, por ter tido buddhanusati como objeto da mente logo antes de falecer.

Ensinava: “Não sejam negligentes! Quer estejam de pé, andando, sentados ou deitados, tenham ‘Buddho’ em mente o tempo todo. Seja um que morreu antes de morrer, uma pessoa firme em ser diligente.”

Ajahn Tongrat ensinava a praticar meditação pelo menos três horas por dia. Além disso, havia muitas outras coisas que ensinava com clareza e simplicidade, de forma que qualquer um pudesse compreender. Por exemplo, quando um monge novato lhe perguntou sobre a contemplação das cinco partes externas do corpo – cabelo, pelos, unhas, dentes e pele – Ajahn Tongrat explicou que são todos impermanentes, sofrimento e não-eu. Todos

²⁴ *Para mim, o Buddha, o Dhamma e a Sangha são o que há de mais excelente.*

fazem parte dessas três características e não são “eu”, “meu”; refletindo assim conseguirá remover o apego. Em resumo, os cinco agregados, focos de apego, são sofrimento.

“Os cinco khandhas fazem parte das três características. Todas as coisas desse mundo, tanto as que têm vida como as inanimadas, têm a marca das três características estampada sobre elas. Tudo que nasce se estabelece por um período, e então desintegra-se. Nada consegue permanecer para sempre nesse mundo.”

Após o pūjā vespertino, por volta das 9 horas da noite, ele falava sobre Dhamma e esclarecia dúvidas dos presentes.



Certa vez, recebeu um convite para participar de uma palestra “dois thammáts”, chamada dessa forma porque são postos dois thammáts (um assento elevado usado nas ocasiões em que se ensina o Dhamma), um de costas para o outro. Cada monge segura um leque cerimonial, escondendo o próprio rosto – uma forma simbólica de remover a figura do palestrante da equação, para que sobre somente o Dhamma puro. Um monge faz perguntas referentes ao Dhamma e o outro responde.

Nessa ocasião, seu parceiro de thammát foi o Jáo Kaná (chefe) do distrito de Kūan Nai, um monge erudito que possuía a graduação “mahā” de estudos de pāli, e que tinha muita certeza sobre seu conhecimento e capacidade intelectual. Já Ajahn Tongrat quase não tinha estudo formal, quer seja sobre assuntos mundanos, ou assuntos do Dhamma; mas, ainda assim, recebeu de bom grado o convite para participar desse evento. Os moradores de toda região vieram em grande número ouvir a palestra que ocorreria domingo, em Wat Phra Thát Suan Tan. Muitos dos que vieram eram diretores e professores de escolas da região. Todos queriam estar presentes para aquela ocasião.

O Jáo Kaná começou com a seguinte pergunta: “O que o Buddha realizou?”

Ajahn Tongrat respondeu: “Realizou as Quatro Nobres Verdades” e então explicou em mais detalhes sobre o sofrimento, sua causa, a cessação e o

caminho para cessação do sofrimento. Ele falava com voz alta e firme, como só quem tem certeza sobre a verdade dos ensinamentos é capaz de fazer, seu rosto estava sereno e feliz. Cada palavra que proferia era uma expressão direta do Dhamma que ele havia realizado – falava de forma direta, verdadeira, sem medo ou timidez.

A próxima pergunta foi: “O que ensinou ao mundo?”

“Ensinou os Suttas, o Vinaya e Abhidhamma; ensinou 84.000 dhammas que se resumem em Sīla, Samādhi e Paññā. Ensinou sobre as três características: sofrimento, impermanência e não-eu. Ensinou a praticar de acordo com o Nobre Caminho Óctuplo.”

“O que ensinou a praticar primeiro?”

“Ensinou a praticar os cinco preceitos. O Bodhisatta veio ensinando esses cinco preceitos há muitos kalpas antes de alcançar a iluminação – desde o Sāsana do Buddha Kakusandha, para que as pessoas daquela época vivessem em paz. Esses cinco preceitos são o Dhamma que protege o mundo, para que possa haver normalidade e felicidade, para que não haja prisões ou polícia. Se todos seguissem os cinco preceitos, todos seriam boas pessoas. Qualquer grupo que mantenha esses cinco preceitos estará bem, se em uma cidade todos seguirem os cinco preceitos, naquela cidade haverá paz e bem-estar.”

“Que tipo de pessoa costuma renascer nos reinos celestiais? Que tipo de pessoa renasce nos reinos infernais?”

“Respeitar os cinco preceitos: não matar, não oprimir seres vivos, não roubar o que não lhe pertence, não praticar adultério, não dizer mentiras, falar mal dos outros, usar linguagem grosseiras, falar à toa, não consumir álcool ou qualquer outro intoxicante. Respeitar os cinco preceitos leva ao sucesso material, à felicidade de corpo e mente, e ao morrer, leva ao renascimento em reinos celestiais. Mas se não respeitar esses cinco preceitos, nascerá no inferno, como fantasma, asura ou animal. Aqueles que caem nos reinos infernais são muitos, tal como a quantidade de pelos numa vaca; já aqueles

que sobem aos reinos celestiais são poucos, tal como a quantidade de chifres numa vaca.”

“Ao aproximar-se da morte, o que devemos fazer para que possamos renascer num bom destino?”

“Deve-se lembrar de todas as bondades e méritos que realizou no passado. Lembrar-se do Buddha como um pai, o Dhamma como uma mãe e a Sangha como um irmão mais velho que nos ensina o caminho. Ao inspirar, pense “bud”; ao expirar, “dho” – a todo instante. Quando a mente abandonar o corpo, irá em direção a um bom destino.”

A sessão de perguntas e respostas foi do meio dia ao final da tarde e não dava sinal de que iria se encerrar. A certo ponto, o Jáo Kaná provavelmente se cansou e desistiu de tentar encontrar uma resposta que Ajahn Tongrat explicasse erroneamente. Simplesmente levantou-se e se recolheu a seus aposentos, sem ao menos receber a oferta de dinheiro que os leigos haviam preparado para o templo dele. Eles então juntaram aquele montante com o que seria ofertado a Ajahn Tongrat, e o total somou 2000 bahts (como ponto de referência, na época, um diretor de escola ganhava cerca de 12 bahts por mês, e um professor, cerca de 8 bahts).

Ofereceram o valor a Ajahn Tongrat, que se recusou a aceitar. Em vez disso, instruiu os leigos a doarem tudo ao mosteiro do Jáo Kaná, Wat Phra Thát Suan Tan, o que dava uma boa noção de quão desapegado a bens materiais e coisas mundanas era Ajahn Tongrat. Seu único interesse era ajudar as pessoas a compreenderem o Dhamma, observarem os cinco preceitos, desenvolverem samādhi e praticar cada vez mais bondade. Aprender a morrer antes de morrer, a praticar ānāpānasati, ter sati-sampajañña, fixar a mente sobre a respiração de forma contínua, de forma a serem pessoas diligentes na prática do Dhamma.



Durante todo o período em que permaneceu em Bahn Chi Tuan a pedido de Ajahn Sao, Ajahn Tongrat interrompeu sua rotina de viagens e peregrinação.

Ficava o tempo todo dentro do mosteiro e só saía para ir visitar Ajahn Sao em Bahn Khom. Os leigos perguntaram se ele não iria mais partir para a floresta em peregrinação, e sua resposta foi:

“Por que vocês me perguntam isso?! Como podem querer que eu desobedeça a ordem do mestre? Tendo ele me dado ordem para permanecer, eu permaneço. Como poderia partir, se ele ainda não me deu permissão?”

“Não poderia ir só por um período curto?”

“Não! Não venham me instigar para que eu desrespeite o venerável mestre. Se ele vier visitar e não me encontrar aqui, será um mau carma para mim. Como poderia desobedecer a ordem do mestre?!”



Ao final, o nível de respeito que as pessoas de Bahn Chi Tuan ganharam por Ajahn Tongrat superou quaisquer expectativas. Aqueles que o hostilizavam, passaram a respeitá-lo; aqueles que já o respeitavam, passaram a ser devotos discípulos.

Um dos senhores que estava presente quando primeiro foram fazer o convite para Ajahn Sao mandar um monge vir morar em seu vilarejo, Pó Yai Kanha, resolveu mudar-se com sua família para poder estar perto de Ajahn Tongrat, mesmo quando este se mudou de Bahn Chi Tuan para Bahn Khum, alguns anos mais tarde.

Por vezes, Pó Yai Kanha acompanhava Ajahn Tongrat praticando meditação nas florestas próximas: “Em geral, ele costumava falar com voz alta, como se não tivesse medo de ninguém. Gostava de estar sob as árvores, na floresta, e não costumava ficar no mesmo local por muito tempo. Dizia que isso cria apego ao local. Também não se apegava a moradias – sempre que ia viajar e retornava ao mosteiro, escolhia uma cabana diferente da que habitava antes. Quando viajava com ele, abrigávamo-nos sob as árvores. Quando se sentava, primeiro prestava reverência; quando partia, de novo prestava reverência. Às vezes o sol estava muito quente, ou ao final da tarde, e ele se sentava para descansar sob uma árvore. Quando se sentava, prestava reverência; quando

partia, prestava reverência. Então perguntei: ‘O senhor presta reverência a quê?’ e ele respondeu: ‘À árvore. A árvore é como o Buddha. Ela trabalha para nutrir a si mesma, mas quando dá frutos, não se apega – os pássaros podem comer, as pessoas podem pegar e comer à vontade.’ Quando prestava reverência a céu aberto, por vezes prestava reverência à pureza do Buddha, dizendo que a mente do Buddha não estava atrelada a objeto algum. Durante todo o período que passei com ele, manteve esse hábito de se prostrar sempre que se sentava ou levantava.”

No que diz respeito a moradias, não gostava de viver com muitas pessoas ao redor, preferindo estar sozinho. Vivía na floresta, e a cada dois ou três dias mudava de local. Não gostava de estar na cidade, dizia que faz a mente se apegar ao gosto da comida; mas na floresta comia comida celestial. Quando perguntavam o que era essa comida celestial, ele listava as folhas, raízes e cogumelos que as pessoas pobres da região recolhiam para comer. Dizia que era uma comida limpa, não causava doenças ou gerava apego. Quando aceitava um convite para comer na casa de alguém, antes de comer, colocava vinte sementes amargas na boca e bebia água em seguida. Se perguntassem a razão, dizia que era para estragar o gosto da comida.

Quando chegava o dia do uposatha, e os monges se reuniam no refeitório, ele os instruía a comer com atenção e refletir sobre o motivo pelo qual estavam comendo. “Para matar a fome, continuar a vida ou por ganância? Para embelezar o corpo, por desejo? Quando sentir que com mais cinco colheradas estará satisfeito, pare de comer e beba água até estar satisfeito. Se obedecer a ganância e comer até encher a barriga, quando beber água vai sentir o estômago apertado, desconfortável, e ao final não vai aguentar e terá que enfiar o dedo na garganta para vomitar. Isso não está de acordo com o Vinaya estabelecido pelo Buddha. Comer sem refletir é uma má ação, ao morrer fará com que renasça como búfalo para ajudar a arar a terra.”

Além de explicar a seus discípulos sobre como se alimentar, ele também dava o exemplo. Quando comia, comia um tipo de comida por vez, sem se importar com o gosto. Por exemplo, primeiro, comia todo o arroz, depois comia os vegetais, então passava à carne, etc.; até estar satisfeito.

Mas por vezes, propositadamente, fazia o oposto. Certa vez, ensinava os discípulos a serem circunspectos na hora da refeição, não fazer barulho, não mastigar de boca aberta, não falar durante a refeição; porém, ele mesmo não fazia nada daquilo. Comia derramando comida no chão, falava de boca cheia e comia como se estivesse distraído. Um discípulo enxergando aquilo, pensou consigo mesmo: “Ajahn ensina aos outros, mas não ensina a si mesmo.” Ao final da refeição, Ajahn Tongrat deu um pequeno ensinamento sobre aquilo que pensava o discípulo e concluiu: “Se apegou ao mestre em vez de se apegar ao Dhamma!”



Em Bahn Chi Tuan havia um leigo que ensinava as escrituras seguindo um livro didático muito antigo. Essa pessoa entendia que tinha muito conhecimento e costumava criticar os monges da floresta. Certa vez, falou que hoje em dia não importava o quanto se pratique meditação, não era mais possível alcançar a iluminação, pois já havia se encerrado o período de tempo em que ela fosse possível. Ajahn Tongrat respondeu: “Quer ver um arahant? Vá raspar a cabeça e volte aqui. Eu te levo para praticar, faça tudo que eu mandar. Dou minha vida como garantia que verá um arahant. Se não fizer, não verá. Obcecado a ficar abraçado a livros dessa forma, como será capaz de enxergar qualquer coisa? Não vai demorar muito e esses livros vão matar você esmagado!”



Ao fim do retiro de chuvas de 1937, Ajahn Sao recebeu notícias de que um dos monges que havia oficiado sua cerimônia de ordenação havia falecido em Wat Dón Hi, no Laos. Ajahn Sao sentiu vontade de ir prestar reverências e fazer uma dedicação de mérito ao falecido monge.

Ao aproximar-se do fim do vassa, mandou notícias a Ajahn Tongrat para que este se juntasse à comitiva. No total seriam onze monges, alguns Mahā Nikaya, outros Dhammayut, e mais cinco discípulos leigos. Além de Ajahn Sao e Ajahn Tongrat, estavam também alguns outros grandes mestres como Ajahn Di, Ajahn Bua Pha e Ajahn Kong Kéu.

No último dia do vassa, Ajahn Tongrat se despediu dos leigos e preparou seus poucos pertences para a viagem. Mas antes que pudesse partir, chegou um monge visitante muito agitado, pedindo para falar com ele: “Larguei minha esposa para tornar-me monge. Em meu coração tenho vontade de sair praticando seguindo o venerável mestre, no entanto, minha esposa não aprova. Ela só me deu permissão para me ordenar se fosse por um período curto. Ontem à noite fugi do meu mosteiro sem que ninguém soubesse, porque temia que tentassem me impedir. Não trouxe nada comigo, ontem mesmo foi o dia da minha ordenação. Quero me oferecer como discípulo do venerável por toda vida.”

Ajahn Tongrat respondeu: “Eh, parece que você tem ainda um pouco de mérito, quase não me encontra aqui. Já estava de saída. Já que está aqui, sente-se e faça uma reverência.” Então ensinou-lhe sobre a prática, e ao final, concluiu, apontando para um toco de árvore morta há muitos anos: “Está vendo esse toco de árvore? Faça-se como esse toco de árvore.”, e partiu em sua viagem, deixando para trás o monge novato, sem muito entender o que havia sido ensinado.

Os demais monges também partiram, deixando-o sozinho no mosteiro, em Bahn Chi Tuan. Todas as manhãs, ele passava em frente ao toco de árvore e olhava. Vária vezes ao dia ele olhava o toco de árvore, tentando imaginar por que razão Ajahn Tongrat lhe dissera para fazer-se como aquele toco. Ao final, resolveu o enigma: “Uma árvore nasce de um broto e cresce até estar grande e útil para as pessoas. Essas então vão até ela e a derrubam para utilizar a madeira, sobrando somente o toco que não serve para nada, mas por isso mesmo é que ninguém se interessa pelo toco e o deixam em paz.” Ele então tomou o toco de árvore como professor e decidiu-se por jamais abandonar a vida monástica.

Morte de Ajahn Sao

O grupo saiu em direção a Muang Kong, mas foram parando e visitando diferentes localidades, muitas vezes por convite dos moradores da região, e não conseguiram chegar antes do retiro de chuvas de 1938. Certo dia, durante o vassa, Ajahn Sao praticava meditação sob uma árvore e um gavião derrubou uma colmeia que estava num galho logo acima dele. Ao cair, as abelhas começaram a atacá-lo e ele sofreu inúmeras ferroadas antes que conseguisse se abrigar sob seu glót. Como consequência, teve uma reação alérgica muito forte, com febre alta, e permaneceu com saúde fraca desde então.

Ao fim do vassa, os discípulos leigos organizaram um automóvel para que ele continuasse sua viagem pois temiam que, com sua saúde debilitada, não conseguiria fazer a viagem de barco, principalmente porque a correnteza do rio em direção ao Laos era forte e perigosa.

O restante do grupo se separou e cada um continuou viajando a pé. Ajahn Ki e Ajahn Bun Mák foram em direção a Bahn Huei Saha. Ajahn Pêng foi de barco com Ajahn Jia; chegando em Wat Amatyaram, encontrou com o grupo de Ajahn Tongrat que já havia chegado alguns dias antes. Ajahn Jia perguntou sobre Ajahn Sao, e foi informado que este havia deixado instruções para que não fossem atrás dele, mas, sim, que esperassem seu regresso em Wat Amatyaram. Todos os monges e noviços do grupo deveriam se encontrar lá no dia de Maghā Pūjā para a celebração do uposatha.

Ajahn Sao, Ajahn Di e os leigos que os acompanhavam fizeram as oferendas em Wat Dón Hi. Em seguida, foram passear na cachoeira Li Pi, e depois, partiram em direção à montanha Mó Óm. Sabendo disso, Ajahn Tongrat, Ajahn Bun Mák e Ajahn Ki foram a seu encontro lá.



Ajahn Di

Ao chegarem, foram informados que a saúde de Ajahn Sao não estava nada boa, e seu estado era preocupante. Estava muito fraco, e temiam que se ele continuasse viagem, sofreria alguma crise em meio à estrada. Sugeriram que ele retornasse, mas Ajahn Sao não quis. Ajahn Di estava preocupado que se algo acontecesse com ele ali, os discípulos que não estavam presentes colocariam a culpa sobre ele, então pediu que Ajahn Tongrat e Ajahn Bun Mák ajudassem a convencê-lo a partir.

Os discípulos consultaram sobre o que fazer. Não sabiam se era melhor ir para Ubon Ratchathani, para Wat Pah Salawan, mosteiro que Ajahn Ki e Ajahn Bun Mák construíram e onde Ajahn Ki possuía familiares, o que facilitaria conseguir atendimento médico para Ajahn Sao. Mas no final, decidiram que deveriam ir para Wat Amatyaram.

Coube a Ajahn Tongrat a tarefa de conversar com Ajahn Sao. Ele foi até o quarto deste, prestou reverência, e com as mãos em añjali, disse: “Com licença, a presença do mestre aqui é preocupante. De que forma? O administrador do distrito é uma pessoa nova, veio estabelecer uma cidade nova, não o conhecemos bem, e não sabemos se podemos contar com a ajuda dele. Os moradores da região são cambojanos, muitos não falam laociano; entre os que falam, não podemos contar com eles, pois vivem em muita pobreza e sofrimento. Se a doença do mestre se agravar, não será possível trazer um carro para vir buscá-lo. Por barco também não é possível, por causa das corredeiras perigosas. Por isso, gostaria de convidar o Ajahn a voltar a Ubon, Dón Sai ou para o vilarejo do Ven. Ki, Bahn Nóng Pam.

Dón Sai tem uma bela floresta, apropriada para ser transformada num mosteiro de floresta, pois há muitos vilarejos próximos. Já Wat Pah Salawan é o lar do Ven. Bun Mák e Ven. Ki. É um mosteiro de floresta com temperatura agradável, apropriado para uma pessoa idosa. Ou podemos ir para Wat Amatyaram.”

Apesar de antes ter recusado o pedido, dessa vez decidiu aceitar, dizendo: “Bom, se é para ir, então vamos. Já estamos próximo do terceiro mês. Diga a Ven. Bun Mák e Ven. Ki irem buscar um barco. Diga aos monges que estão

esperando, que se não chegarmos antes do dia do uposatha, que eles recitem sozinhos.”

Ajahn Bun Mák partiu em direção a Dón Sai, com o intuito de avisar para que a sangha lá se preparasse para receber Ajahn Sao, que estava a caminho, mas ficaria apenas alguns dias. Já Ajahn Ki foi em direção a Wat Pah Salawan buscar um barco, mas demorou muito mais do que o esperado, pois não conseguia encontrar pessoas suficientes para operar os remos. No final, não foi possível partir antes do dia de Maghā Pūjā.

Chegado o dia do uposatha e Maghā Pūjā, mesmo estando bastante fraco, Ajahn Sao se juntou à recitação do Pāṭimokkha, como sempre fizera. Após aquela data, sua saúde começou a se degenerar rapidamente, sofrendo severas diarreias. Os discípulos então tentaram pedir ajuda às autoridades e discípulos leigos para que providenciassem um barco para transportá-lo. Assim, começaram a viagem parando durante a noite para descansar e trocando de embarcação pela manhã, para continuar o percurso. Nesse meio tempo, Ajahn Ki finalmente havia conseguido o barco para ir buscar Ajahn Sao. Contudo, tomou um desvio para buscar Ajahn Bun Mák, por isso, os dois grupos se desconstruíram no rio.



Ajahn Jia

Ajahn Jia esperou muitos dias pela chegada do grupo. Enfim, cansou-se e foi até Wat Amatyaram. Lá foi informado da situação delicada da saúde de Ajahn Sao e de que o grupo chegaria ao mosteiro naquela mesma tarde. Por volta das quatro da tarde, ouviram o barulho do motor do barco se aproximar, mas ele não parou no porto do mosteiro, pois não era grande o suficiente para aquele tipo de barco. Seguiu mais adiante e parou no porto da repartição pública, onde Ajahn Sao teve que trocar de embarcação para, só então, conseguir chegar ao mosteiro. Ajahn Di aproveitou a parada na cidade para enviar um

telegrama aos discípulos em Ubon, relatando o estado do mestre. Contou que suas orelhas e lábios estavam completamente amarelados, seu semblante mostrava profunda exaustão.

Quando o barco finalmente chegou ao mosteiro, Ajahn Kóng Kéu e Ajahn Bua Pha ergueram o corpo de Ajahn Sao e o depositaram num palanquim de bambu, construído para a ocasião. Ajahn Bua Pha, Ajahn Kóng Kéu, Ajahn Pêng e Ajahn Kham carregaram o palanquim para dentro do salão de uposatha do mosteiro. Ajahn Sao sentava-se de olhos fechados, pescoço caído sobre o peito, demonstrando quão fraco estava. Ajahn Bua Pha se aproximou e disse em voz baixa: “Com licença, mestre, neste momento o senhor está sentado no salão de uposatha de Wat Amatyaram.”

Ajahn Sao lentamente levantou o rosto e viu a pequena estátua do Buddha. Pediu que lhe trouxessem seu manto externo e o arrumassem sobre seu ombro. Em seguida, prostrou-se três vezes ao altar e novamente seu pescoço caiu sobre o peito com antes. Ajahn Bua Pha aproximou-se para tentar ajudá-lo a deitar no chão, mas ao tocar seu corpo soube que havia falecido. Ele tinha 83 anos, 63 vividos sob o manto monástico.



Os discípulos começaram a fazer arranjos para enviar o corpo de volta a Ubon, entretanto, os leigos da região se opuseram, pois queriam a oportunidade de fazer oferendas. Combinaram então um meio termo que satisfizesse a ambos: o corpo permaneceria em Wat Amatyaram por três noites, e em seguida, partiria para Ubon. Ajahn Tongrat e Ajahn Bun Mák lideraram o cortejo que levou o corpo até Wat Burapha, em Ubon Ratchathani, onde permaneceu até que todos os arranjos para a cremação pudessem ser feitos.

Ajahn Man presidiu a cerimônia de cremação, Ajahn Sing fez o papel de mestre de cerimônias. Um número exorbitante de monges e leigos vieram participar da cremação, fazendo com que Wat Burapha – normalmente grande e espaçoso – se tornasse pequeno, a ponto de quase não ser possível caminhar. Ao fim da cerimônia, Ajahn Tongrat voltou à vida de perambulação pelas florestas e montanhas da região.

Wat Pah Munirat

Na estação seca de 1943, Ajahn Tongrat e mais um monge passaram pelo vilarejo de Bahn Na Bodhi Nói, em Ubon. Os moradores ao verem que monges kammatthāna descansavam perto de seu vilarejo, chamaram todos, e se apressaram em preparar água e refrescos para lhes oferecer.

Ao se aproximarem, prestaram reverência e conversaram um pouco com os monges. Inspirado pelo comportamento deles, um ancião do vilarejo fez o convite para que permanecessem no vilarejo para lhes ensinar o Dhamma, pois era raro monges como eles passarem por aqueles lados. Ajahn Tongrat contemplou a situação e decidiu que o local era apropriado para a prática monástica, além disso, era visível que as pessoas eram sinceras e profundamente devotas, por tanto, aceitou o convite.

Ajahn Tongrat notou uma jovem grávida entre os leigos e disse: “Eh, você que está grávida deve vir frequentemente. Não tenha vergonha. Assim, o filho que nascer terá bom caráter, se nascer homem, seguirá a via monástica por toda a vida.”

Anos mais tarde, tanto a mãe como o filho se ordenaram com Ajahn Chah em Wat Nong Pah Pong. O filho ficou conhecido como Ajahn Khun, e no momento da publicação desta edição (2019), é o discípulo mais sênior ainda vivo de Ajahn Chah, abade de Wat Pah Bodhisuvanna, em Ubon Ratchathani.

Cerca de um mês após sua chegada, Ajahn Tongrat seguiu adiante pela estrada.



Certo dia, Ajahn Tongrat passava perto de Bahn Khum, e já estava próximo o pôr do sol. Consultou o outro monge que viaja com ele, e decidiram passar a noite por ali, para que de manhã pudessem recolher comida como esmola, e então, seguir adiante. Perguntaram a um morador que recolhia o gado se havia algum cemitério de floresta próximo, onde pudessem passar a noite. O morador respondeu que ficava muito longe, seria melhor voltar um pouco, e

acampar numa mata que havia ali chamada Non Bak Bá. Os monges aceitaram a sugestão, e o leigo se apressou em chamar mais aldeões para ajudar a preparar o local, oferecer água e demais necessidades aos monges. Logo havia um grupo limpando o chão da floresta para que instalassem seus glôts e abrindo áreas para prática de meditação andando.

Perguntaram a Ajahn Tongrat de onde vinha e para onde ia, mas ninguém conhecia os nomes das localidades que mencionou. Pela manhã, os monges recolheram esmolas e ao retornarem a seu acampamento, vários leigos vieram junto oferecer mais pratos e ter oportunidade de conversar com os monges. Eventualmente, convidaram-no a passar o vassa daquele ano com eles, mas ele não aceitou. Apenas disse que ficaria mais dias, sem fazer planos específicos de quanto tempo mais permaneceria. Desta forma, a expectativa de todos era de que poderia partir a qualquer momento, ninguém sabia que, ao final, ele passaria o resto de sua vida ali.



Inicialmente, não vinham muitas pessoas procurá-lo para ouvir ensinamentos, mas com o tempo sua reputação se espalhou e o número de pessoas começou a aumentar progressivamente. Aos poucos, uma espécie de mosteiro começou a se criar de forma espontânea a seu redor. Mesmo pessoas de longe vinham buscar seus ensinamentos, pedir para ordenarem-se, e serem seus discípulos.

Aqueles que quisessem ser discípulos, primeiro, tinham que raspar a cabeça e sobancelhas, vestir o manto branco de um anagārika, e seguir os oito preceitos. Deveriam permanecer de sete a quinze dias dessa forma para serem testados seu comportamento e dedicação. Se passassem no teste, era dada permissão para que se ordenassem noviços e, a partir de então, estudassem em mais detalhes a regra monástica. Só lhes era permitido ordenarem-se monges quando demonstrassem ter bom comportamento e conhecimento satisfatório das regras do Vinaya. Ajahn Tongrat entendia que um monge que não se comporta de forma apropriada é um grande demérito para si e para o Buddha Sāsana. Se uma pessoa se ordena monge, mas não se

comporta de acordo, em vez de ganhar mérito, destrói completamente a si mesma e não terá outro destino a não ser um nascimento em um dos reinos inferiores.

Ele dava importância mesmo às regras menores, como as que regulam as refeições, o dormir, sentar, falar, defecar, etc. Todos deveriam ter cuidado e reverência aos símbolos monásticos, como a tigela de recolher esmolas e o manto. A regra monástica não permite usar a tigela para recolher lixo e Ajahn Tongrat levava essa regra a um nível acima, não permitindo sequer que se usasse a tampa da tigela para colocar restos de comida durante a refeição.

Para Ajahn Tongrat, o trabalho principal de um monge deveria ser praticar meditação sentada e andando. Às três da manhã era tocado o sino, e todos se reuniam para praticar meditação e recitar o pūjā. Então, ele discursava até o sol raiar e, em seguida, saíam pelo vilarejo recolhendo esmolas. Ao retornar, toda a comida era tirada das tigelas e postas em travessas, para que todos pudessem partilhar.

Às oito horas começava a refeição. Os monges não podiam escolher o que iriam comer, o ajahn passava em frente a cada um e colocava um pouco de cada prato nas tigelas dos monges. Nos primeiros anos, Ajahn Tongrat distribuía a comida pessoalmente, mais tarde delegou a um outro monge. Ao terminar a refeição, todos prestavam reverência juntos e iam praticar meditação andando. Às onze horas, descansavam. Às quinze horas, todos saíam para fazer a limpeza do mosteiro. Ajahn Tongrat também participava dessa atividade todas as vezes. Ao final, tomavam banho, e voltavam a praticar meditação em suas cabanas.

Às dezenove horas, reuniam-se para o pūjā vespertino. Ajahn não costumava discursar à noite. Por volta das vinte horas, todos estavam livres para voltarem a suas cabanas e continuarem praticando meditação. Por volta das 21 horas, ou 22 horas, ele costumava andar pelo mosteiro para ver quem estava praticando e quem já tinha ido dormir. Se via alguém praticando, ele dizia: “Continue assim!”, mas se chegasse a uma cabana e não visse sinal de vida, chamava duas ou três vezes. Se não recebesse resposta, gritava: “Esse

bundão se ordenou monge e só come e dorme! O que vai conseguir enxergar desse jeito?”

Ele dizia que se uma pessoa se ordenou e pratica menos que três horas por dia, é melhor largar o manto e voltar à vida laica para ajudar os pais a ganharem sustento. Não se deveria ser um obstáculo para seu próprio progresso – quando se decidir a fazer algo, faça de verdade. Se algum monge não comparecia às atividades, ele não criticava de maneira direta, mas citava exemplos do que não deveria ser feito, e alertava: “Que isso não ocorra em nosso mosteiro!”



Ao ensinar, ele sempre dava ênfase à razão. Não esperava ou encorajava que os discípulos simplesmente acreditassem no que dizia, sem questionar. Primeiro, eles deveriam analisar o raciocínio por trás do ensinamento até decidirem se era válido ou não, e só então decidirem – e essa decisão deveria estar de acordo com o Dhamma.

Ajahn Tongrat contou a Ajahn Ki que se uma pessoa se ordenar no Buddha Sāsānā, deve permanecer com um mestre. Isso é necessário porque é ele quem vai verificar o comportamento e personalidade daquela pessoa, e então decidir qual a melhor forma de ensinar o aluno. Isso porque a arrogância/teimosia de cada um é diferente dos outros.

Ele dizia que quando veio morar com Ajahn Man e Ajahn Sao, era muito obstinado – não tinha quem se comparasse – mas graças aos esforços de ambos os mestres, conseguiu superar isso. Às vezes lhe davam bronca, às vezes lhe diziam algo para que pensasse a respeito, às vezes mandavam ir morar num local onde não ia ninguém, mas graças ao respeito e devoção que tinha a ambos, conseguia aguentar, perseverar, cumprir suas ordens e ensinamentos. Se diziam para não fazer, não fazia – não importava o quão difícil fosse a tentação. Dizia que se não fosse por Ajahn Man e Ajahn Sao, já teria desistido há muito tempo.



Quando ensinava aos monges, Ajahn Tongrat costumava dar ênfase especial ao restringir dos seis sentidos – visão, audição, paladar, olfato, tato e mente.

“Não seja desatento e se deixe levar pelas kilesas. Se tiver sati-sampajañña controlando os seis sentidos em todas as posturas – de pé, andando, sentado e deitado – será capaz de manter todas as 227 regras de Vinaya de maneira perfeita.”

Se um monge estivesse caminhando pedindo esmolas e necessitasse urinar, Ajahn Tongrat ensinava a entrar no mato, pegar uma folha seca do chão e urinar sobre ela. Se urinasse direto no chão, seria possível que a urina quente matasse algum inseto ou alguma planta. Se fosse cuspir, era a mesma coisa, deveria fazê-lo sobre uma folha seca.

Ele não permitia que se conversasse com voz alta, não era permitido gritar para chamar alguém – se deveria ir até a pessoa e chamá-la de perto com voz baixa. Da mesma forma, não se devia jogar algo a outra pessoa, o correto era caminhar até ela e entregar pessoalmente.

Se um monge com mais senioridade entregasse algo a um monge mais júnior, este deveria se ajoelhar no chão, fazer añjali e só então receber, utilizando ambas as mãos. Se um monge mais sênior estivesse caminhando, o monge mais júnior deveria sair de lado e deixar que aquele andasse na frente.

Quando recolhendo esmolas, deveriam praticar meditação com cada passo. Era proibido conversar durante a caminhada. Se fosse necessário conversar, deveriam parar, sair da estrada, e só então conversar em voz baixa.

Essas eram formas de treinar a mente a ter respeito, humildade, atenção, e a ser uma pessoa cuidadosa no que diz respeito ao Dhamma e Vinaya. Dessa forma a prática progride, surge sabedoria e visão correta. Sempre que Ajahn Tongrat via algum comportamento errado ou desatento nos monges, imediatamente lhes chamava a atenção.



No que diz respeito à diligência, costumava dizer: “Aquele que é diligente e não preguiçoso, que durante o dia e a noite não se descuida, experienciará progresso no Dhamma. Tal como o Ven. Kaccāyana, que o Buddha elogiou por sua diligência.” Ajahn Tongrat dava esse sāvākā como exemplo para que todos se dedicassem e praticassem muito, para que desenvolvessem sabedoria, para que enxergassem o Caminho dentro de suas mentes. Ele dizia que aqueles que são diligentes têm uma mente alegre, boa, estão sempre de bom humor.

Ajahn ensinava a praticar a recitação de “Buddho” a cada respiração e ao andar. Quando caminhar com a perna direita, recite “bud”, quando caminhar com a perna esquerda, recite “dho”. Se conseguir praticar dessa forma sem interrupções, prometia que em um ano se enxergaria o que há de fantástico escondido por trás do mantra “Buddho”.

Quando prestasse reverência a uma imagem do Buddha, devia-se imaginar que estava se prostrando ao Buddha como se ele estivesse de pé ou sentado logo à sua frente, como um pai que nos acompanha e cuida de nós o tempo todo. Quando prestasse reverência ao Dhamma, devia-se pensar nele como uma mãe que protege e cuida do filho o tempo todo. Ao prestar reverência à Sangha, devia-se pensar nela como um irmão mais velho que nos ensina a pensar, falar e agir da forma correta em todas as situações. As qualidades das Três Joias nos farão ter cada vez mais felicidade e êxito em nossas vidas.

Quer estivesse sentado ou andando, se deveria sempre refletir sobre a pureza de seus preceitos. “Se a observância dos preceitos está defeituosa, temos que estar cientes. É isso que se chama viver com sīla. Monges kammattāna devem ter cuidado com sīla, até mesmo com as regras menores. Se os preceitos não estiverem puros, ao entrar numa floresta ou montanha será devorado por tigres. Se for desse jeito, é melhor não ser monge, melhor ir deitar-se numa casa e cuidar do gado, como as demais pessoas. Ser monge desse jeito leva a renascer no inferno por ter aceitado as oferendas que as pessoas fizeram, desejando ganhar mérito. Se sīla estiver maculada, pode praticar meditação até os cabelos caírem e não enxergará o Dhamma.”



Os monges e noviços tinham muito medo dele porque ele sempre sabia se alguém tinha quebrado alguma regra de conduta. Ele chamava a atenção em frente à comunidade, dava bronca para a pessoa ficar com vergonha. Se ele já tivesse chamado a atenção e a pessoa continuasse a fazer errado, ele expulsava do mosteiro. Dizia que era uma pessoa que se ordenou, mas não tinha respeito pelo ensinamento do Buddha, ordenando-se por interesse próprio.

Se era um monge visitante, ao sentar-se, ele chamava pelo nome e perguntava de onde vinha, para onde ia e com que propósito. Se fosse um monge com muito estudo teórico, que tentasse exhibir ou se vangloriar de sua erudição, ele dizia sem se preocupar em qual seria a reação do monge: “Todo esse estudo para quê? Estudou tudo isso, mas ainda não consegue cuidar de si mesmo, está cheio de ofensas à regra monástica da cabeça aos pés e nem percebe! Usa uma tigela para pedir esmolas e ganha comida, mas não tem respeito pela tigela de esmolas, não tem gratidão ao Buddha.”

Ajahn Uan conta que certa vez se despediu de Ajahn Kinari para ir praticar por um período com Ajahn Tongrat. Ajahn Kinari lhe advertiu: “Se vai visitar Ajahn Tongrat, cuidado; pois ele vai lhe pôr à prova, pôr sua atenção à prova.” Tendo chegado ao mosteiro, após alguns dias, Ajahn Tongrat mandou que Ajahn Uan fosse na floresta cortar madeira. Ajahn Uan estava plenamente ciente de que a regra monástica proíbe os monges de destruir plantas, mas, ainda assim, pegou um machado e foi à floresta, retornando mais tarde com um tanto de lenha. Ao contrário do que outros pudessem pensar, Ajahn Uan só cortou lenha de árvores já mortas, no chão da floresta. Ao ver aquilo, Ajahn Tongrat elogiou: “Eh! É assim que se faz merecer o nome ‘discípulo do Buddha’!”

Já outros monges não eram tão perspicazes, quando Ajahn Tongrat lhes mandava fazer algo que ia contra a regra monástica, faziam como ele havia mandado. Ao fazerem, imediatamente levavam uma bronca apimentada e

longa, por não terem respeito ao Vinaya. Ele dizia que o mestre deve ser respeitado, mas não em detrimento do Dhamma e do Vinaya.



Entre os diversos grandes mestres de meditação que estudaram com Ajahn Tongrat, há um em especial que acabou quebrando todas as barreiras regionais do nordeste tailandês e atraindo muitos discípulos, tanto das demais partes do país, como de todo o mundo.

Ajahn Chah nunca foi um discípulo comum. Dentre os três monges que ele citava como seus professores, Ajahn Man, Ajahn Tongrat e Ajahn Kinari, somente com Ajahn Kinari morou de maneira contínua por algum período de tempo. Com relação a Ajahn Man e Ajahn Tongrat, apenas esteve com eles em poucas ocasiões, mas sempre mencionava sobre a importância de tal oportunidade.

Especificamente sobre Ajahn Tongrat, toda a etiqueta de comportamento estabelecida em Wat Pah Pong por Ajahn Chah é quase uma cópia exata do modo de prática no mosteiro dele. Outra coisa que tinham em comum era o jeito brincalhão e inusitado de ensinar o Dhamma.

Muitas vezes Ajahn Chah mencionava Ajahn Tongrat em seus ensinamentos: “Existem duas coisas: emular e imitar. Não se deve imitar, deve-se emular. Por exemplo, Tahn Ajahn Tongrat que é um grande mestre do passado. As pessoas que não eram inteligentes não conseguiam receber o Dhamma dele, pois acabavam por imitá-lo. Não o emulavam, mas sim o imitavam.

O hábito do Tahn Ajahn Tongrat era falar de forma descuidada, era o comportamento dele, ele volta e meia pedia coisas. Quando ele dava bronca em público, eram broncas incríveis. O comportamento dele era assim. Mas na mente dele não havia nada, no fundo ele já não tinha nada, aquilo era apenas falar, o objetivo era o Dhamma.

Na verdade, o que quer que dissesse ou fizesse, o objetivo dele era o Dhamma – a gente é que não entendia nada. O objetivo dele era o Dhamma, e não causar o mal, e de fato, não causava. Andava para cima e para baixo, não era

circunspecto, onde quer que fosse. O comportamento dele era assim, alguns ‘Luang Ta’ imitavam e se prejudicavam.”

Quando ensinando sobre como vencer os desejos sensuais, Ajahn Chah disse: “...Ajahn Tongrat, um dos meus professores de kammattthāna, uma vez pensou em largar o manto. Não dava ouvidos a ninguém, queria apenas largar o manto e nada mais. Ele então pediu um machado emprestado a um leigo e começou a rachar lenha. Rachou por três dias e três noites, até que suas mãos começaram a sangrar e ele ficou exausto. Então, perguntou a si mesmo: ‘E então, quem é o chefe aqui?’ – ele perguntou às suas próprias kilesas...”



Era comum Ajahn Tongrat ensinar às pessoas sem que elas percebessem. Às vezes, ficavam com raiva dele, mas ao final, percebiam que estavam erradas e vinham agradecer o ensinamento que receberam.

Todos os dias, quando saía recolhendo esmolas, havia um homem que doava somente arroz puro. Certo dia, após recebê-lo, Ajahn Tongrat reclamou: “Bá! Só cachorro consegue comer arroz puro!” Ao ouvir isso, o homem não disse nada, porém ficou profundamente ofendido e com raiva. Já os demais monges não pensaram nada de mais, pois já estavam acostumados com o jeito de ser do mestre.

Ao cair da noite, aquele homem veio ao mosteiro trazendo consigo uma travessa com flores, velas e incenso para pedir perdão a Ajahn Tongrat: “Ôe! Me perdoe por ter pensado mal do venerável mestre hoje de manhã. Depois de oferecer a comida, fui ao campo levar o gado para pastar e minha esposa esqueceu de colocar a mistura na minha marmita. Quando chegou a hora do almoço, não tinha nada para comer a não ser arroz puro. Comi duas ou três colheradas, mas não consegui engolir, então joguei tudo para os cachorros. Eles comeram tudo, inclusive brigaram pela comida. Então entendi que estava errado em sentir raiva do Ajahn, porque o que disse estava correto: arroz puro, sem mistura, é comida de cachorro. Quase caí no inferno hoje!”

Ajahn Chah dizia que muitos não conseguiam entender os ensinamentos de Ajahn Tongrat e, por vezes, pensavam que era louco. Uma vez, Ajahn Tongrat caminhava em peregrinação com um grupo de monges e viram um búfalo fêmea comendo grama à beira da estrada. Ajahn Tongrat disse “Eh! Para que esse búfalo macho veio comer tão perto da estrada?” e seguiu adiante. Mais à frente, havia um búfalo macho em meio ao campo e ele disse: “Êi, vá comer em meio ao campo, como aquele búfalo fêmea!”

Ele chamou o macho de fêmea e vice-versa. Aqueles que não entenderam o significado, acharam que ele era louco, mas na verdade estava ensinando os monges a não se apegarem a convenções. Em última instância, não há macho nem fêmea, se a pessoa não tem compreensão mais profunda do Dhamma, jamais vai compreender o verdadeiro significado disto.

Fim

Alguns meses antes da morte de Ajahn Tongrat, os leigos de Bahn Khum decidiram que seria uma boa ideia formalizar a existência do mosteiro, comprar as áreas adjacentes à floresta e registrar o novo Wat junto às autoridades. Levaram o assunto a Ajahn Tongrat que inicialmente recusou a oferta, mas graças à persuasão dos moradores, acabou cedendo e decidiu colocar o nome do mosteiro de Wat Pah Munirat, que significa “Mosteiro de Floresta Joia da Sabedoria”.

Essa foi a primeira vez que fez algo do tipo. Em todas as outras ocasiões em que permaneceu em algum local, só permitia que se construísse edificações temporárias de bambu e palha, sendo que com a partida dos monges, a floresta logo reclamava o local sem deixar vestígios de que alguém habitara ali.

Se considerarmos desde quando primeiro chegou ao local, Wat Pah Munirat foi onde ele viveu por mais tempo ininterrupto. Fora seus ensinamentos que criaram profundas raízes na mente de seus discípulos e gerações futuras, esse mosteiro é a única evidência de sua passagem pelo mundo.

Cerca de um mês antes de sua morte, Ajahn Tongrat deu ordem para que recolhessem lenha, abrissem uma estrada e preparassem o local, como se algum grande evento fosse ocorrer no mosteiro. Todos ficaram imaginando o que poderia ser, mas quando perguntavam, ele apenas dizia para se apressarem, ou não ficaria pronto a tempo.

Mandou que abrissem uma estrada larga para que automóveis pudessem passar, sendo que, por aqueles lados, quase nunca acontecia de passar algum automóvel. Muitos dos moradores sequer jamais tiveram a oportunidade de ver um pessoalmente. O campo estava todo esburacado após a colheita de arroz e ele deu ordem para que tudo fosse arrumado. Trabalharam durante um mês nos preparativos, mas não conseguiam nenhuma informação sobre que evento ou celebração estava por vir.

Certo dia, foi com os leigos buscar lenha na floresta e passaram por um riacho. Falou meio sério, meio brincando: “A única coisa que temo é que quando eu morrer, vão querer vender meus ossos como remédio²⁵. Se for mesmo assim, seria mais útil que vocês peguem os restos da cremação e joguem aqui para esses peixes comerem.”

Ajahn Tongrat era uma pessoa forte, alta, de pele grossa e escura, sua voz era tal qual o rugido de um leão e sua saúde, de touro. Era uma pessoa tão energética que era mesmo difícil encontrar quem já o tivesse visto descansando, deitado. Portanto, é fácil imaginar o choque que todos tiveram quando certa noite, ele simplesmente adoeceu; sem nenhum sinal prévio ou progressão de sintomas. Naquela noite ele estava na cama se sentindo muito fraco, com febre alta, mas ainda assim dizia aos discípulos: “Não precisam ficar aqui me vigiando, não é nada demais.” No entanto, todos estavam muito preocupados, pois enxergavam quão fraco ele estava e sabiam que, desde o fim da tarde, estava sofrendo de fortes e ininterruptas diarreias.

Todos os discípulos passaram a noite cuidando do mestre e rezavam para que o dia logo chegasse, para que, enfim, pudessem trazer um médico. Curiosamente, naquela noite, os galos que sempre cantavam a uma hora ou às 4 horas da manhã preferiram guardar silêncio. O mesmo aconteceu com relação aos cães do vilarejo, não se ouvia um só barulho.

Os sintomas se agravavam continuamente e os presentes ficavam cada vez mais agitados. Começaram a fazer planos para irem buscar um médico em Bahn Khok Sawang, mas Ajahn Tongrat insistia: “Não precisa, não é nada sério.” e assim todos permaneciam em silêncio, observando o progresso da doença. Quando a cor sumiu por completo de seu rosto e os lábios ficaram secos, um discípulo leigo não pôde mais se conter, saindo em disparada em direção a Bahn Khok Sawang, mas não chegou a tempo – ao nascer do sol,

²⁵ *Muitas pessoas têm a crença que as relíquias de mestres como ele possuem capacidades milagrosas.*

Ajahn Tongrat faleceu. Ele morreu em 21 de outubro de 1956, aos 68 anos de idade, 41 deles como monge.

Antes de Ajahn Tongrat falecer, Ajahn Bun Mák teve uma visão de uma montanha tremendo com um terremoto, e interpretou aquilo como um sinal de que estava próxima a morte de Ajahn Tongrat. Por isso, apressou-se em direção a Bahn Khum, mas não chegou a tempo. Ainda assim, foi ele quem presidiu e organizou todos os preparativos para o funeral. O vilarejo recebeu um número muito grande de devotos leigos e monásticos, que vieram prestar reverência, assim que receberam a notícia do falecimento do grande mestre.



Naquela época não havia as técnicas de preservação modernas para cadáveres, e a tradição do local era de manter o corpo por vários dias, antes de cremar. Sendo assim, o processo natural de decomposição segue adiante e uma das primeiras coisas que acontece, é a degeneração das paredes de tecido internas e externas do corpo, permitindo que os componentes líquidos comessem a vazar. Ao ouvir a notícia do falecimento, algumas pessoas correram ao local para recolhê-los, crendo que a posse deles traria poder ou boa sorte. Os discípulos mais próximos negaram o pedido, o que acabou gerando muita briga, pois muitos possuíam muita ganância por esse tipo de “objeto sagrado”.

Vendo que os discípulos não tinham medo e estavam mesmo dispostos a morrer para evitar que a memória do mestre fosse maculada dessa forma tão baixa, as demais pessoas cederam, exigindo, no entanto, que ao menos tivessem acesso ao corpo para poder colar folhas de metal dourado sobre o cadáver, o que, acreditavam, traria grande fortuna. Os discípulos aceitaram a exigência. Ficou combinado que seria construído um caixão com um tampo

de vidro na lateral que poderia ser aberto para que as pessoas realizassem seus rituais.

Por fim, em março de 1957, foi realizada a cremação. A quantidade de monges e leigos que compareceu foi tão grande que não havia local aberto suficiente para os monges acamparem e as pessoas tinham que improvisar copos e pratos com folhas de bananeiras, porque também não havia suficientes para todos. Vieram pessoas de todas as províncias vizinhas, passando muitas dificuldades para chegar, uma vez que ainda não havia estradas construídas. Entre os monges que compareceram também estava Ajahn Chah; já Ajahn Kinari não pode comparecer porque estava muito doente naquela época.

É provável que a maioria das pessoas não conheça o nome “Ajahn Tongrat” mesmo sendo ele um príncipe na prática do Dhamma na linhagem de Ajahn Sao e Ajahn Man, a ponto de ser reconhecido e indicado por ambos os mestres para que se tornasse o “general” do exército de discípulos deles, na parte do secto Mahā Nikhāya. Ele vivia com simplicidade, frugalidade, recluso, distante das confusões do mundo. Praticava o Dhamma para benefício próprio e alheio, de maneira incomparável.

Quando faleceu, os únicos bens que encontraram em sua posse foram sua tigela de monge, uma sacola de ombro velha e uma navalha tão antiga, que foi gasta a ponto de quase não haver lâmina sobrando.

Fim